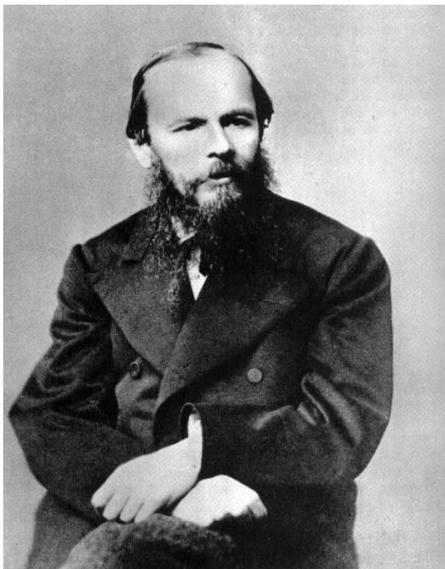


IHU On-Line Edição nº 195 – 11 de setembro de 2006



Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano

Há 125 anos, morria Fiódor Mikhailovich Dostoiévski, uma das maiores personalidades da literatura russa e universal. Não por acaso Sigmund Freud considerava a sua última obra, *Os Irmãos Karamázov*, como o maior romance já escrito.

Por muito tempo esquecido, foi Mikhail Bakhtin que conseguiu captar o artifício da polifonia, vista pelos críticos ortodoxos como um exercício de rusticidade, como a grande novidade do autor russo. Ou seja, Dostoiévski "não tem a preocupação de encontrar um denominador comum para seus romances. Deixa todas as vozes pululando com o mesmo valor, sem que nenhuma se sobrepuje à outra", afirma Paulo Venturelli, professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Isso deixa as obras de Dostoiévski difíceis de serem encenadas, constata Elena Vássina, professora nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras Russas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Luiz Felipe Pondé, professor da PUC-SP, reflete sobre o parricídio como a representação do corte filosófico e psicológico com o passado. Para Pondé, "a modernidade, sempre sob a ótica de uma teologia da modernidade, representa a defesa filosófica do parricídio: matamos Deus, matamos o Pai, somos livres para exercer o nada; esse nada é o niilismo articulado em todas as frentes, mas que Ivan, ao final do livro *Os Irmãos Karamázov*, parricida por excelência, percebe que diante de si está o vazio, o Diabo ou seu duplo, um cínico niilista". E Pondé, contundente, constata: "A modernidade é parricida com distinção e louvor, é militante e interpreta isso como liberdade, ao invés de perceber que essa liberdade é a do nada".

Além dos acima citados, também publicamos nesta edição entrevistas com Joseph Frank, autor de uma biografia de Dostoiévski, em quatro volumes; com Paulo Bezerra, o primeiro tradutor da obra do escritor diretamente do russo para o português, pois as traduções anteriores eram feitas da versão francesa; com o médico neurologista Leonardo Cruz de

Souza, que descreve a acalorada discussão dos epileptologistas sobre a epilepsia do escritor russo.

Nesta edição, também traduzimos e publicamos uma entrevista com Slavoj Zizek sob o título *O desejo, ou a traição da felicidade*.

Pierre Sanchis, antropólogo, comenta o livro *As religiões no Brasil: continuidade e rupturas*, organizado por Faustino Teixeira e Renata Menezes e recém-lançado pela Editora Vozes. A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Leia nesta edição

Tema de capa

Editorial **pg. 1**

Biografia **pg. 3**

Entrevistas

Joseph Frank: A confluência da literatura com a filosofia **pg. 5**

Elena Vássina: Dostoiévski: nas profundezas da alma humana e da literatura **pg. 10**

Luiz Filipe Pondé: Parricídio, niilismo e destruição da tradição **pg. 16**

Paulo Bezerra: Os desafios da tradução direta **pg. 19**

Paulo Venturelli: O romance como arena polifônica **pg. 23**

Leonardo Cruz de Souza: A epilepsia e a literatura dostoiévskiana **pg. 30**

Monika Zgustova: Dostoiévski chorou com Hegel **pg. 34**

Brasil em foco

Pedro Cunha: A globalização e a inserção subordinada do Brasil **pg. 36**

Destaques da semana

Entrevista da Semana

Slavoj Zizek: O desejo, ou a traição da felicidade **pg. 41**

Livro da Semana

Faustino Teixeira & Renata Menezes (Orgs). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*.

Petrópolis: Vozes, 2006. **pg. 45**

Pierre Sanchis: O campo das religiões no Brasil **pg. 48**

Filme da Semana

A noiva síria **pg. 49**

Deu nos jornais
pág. 51

Frases da semana
pág. 53

IHU em revista

Eventos
pág. 56

IHU Repórter
pág. 71

Biografia

Fiódor Dostoiévski

Reproduzimos a seguir uma biografia Fiódor Mikhailovich Dostoiévski, extraída da enciclopédia on-line livre *Wikipédia*.

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski nasceu em Moscou, em 11 de novembro de 1821, e faleceu em São Petersburgo, no dia 9 de fevereiro de 1881. Foi uma das maiores personalidades da literatura russa. Por vezes grafado como Fiódor Dostoiévsky, é tido como o fundador do existencialismo.

Seu pai era médico e sua mãe morreu quando ele era ainda muito jovem. O suposto assassinato de seu pai, o Dr. Mikhail Dostoiévski, pelos próprios servos de sua propriedade rural em Daravoi, exerceu enorme influência sobre o futuro do jovem Dostoiévski.

Dostoiévski estudou contra a vontade numa escola militar de Engenharia e entregou-se febrilmente à leitura dos grandes escritores de sua época.

Teve sua primeira crise de epilepsia aos dezessete anos, depois de saber que seu pai fora assassinado pelos próprios colonos, que viam nele um homem demasiadamente autoritário. Deixou o exército aos 22 anos para consagrar-se na carreira literária.

Em 1849, foi preso por participar de reuniões subversivas na casa de um agitador profissional, Petrachevski, quando foi preso e condenado à morte. No último momento, já no patíbulo, teve a pena comutada. De fato, passou nove anos na Sibéria. No presídio de Omsk foram 4 anos, e mais cinco como soldado raso. Descreveu a terrível experiência no romance *Recordação da Casa dos Mortos*.

Estudos médicos permitiram diagnosticar que sofria de epilepsia temporal. Suas crises sistemáticas, que ele atribuía a "uma experiência com Deus", tiveram papel importante em sua crise religiosa e em sua conversão durante o desterro, quando a Bíblia era sua única leitura.

Essas dificuldades pessoais, sem dúvida, ajudaram a fazer de Dostoiévski um dos maiores romancistas de todos os tempos. Inspirado pelo cristianismo, passou a pregar a solidariedade como principal valor da cultura eslava.

Aos 25 anos, publicou seu primeiro romance, *Pobre Gente*, onde trata da vida simples dos pobres funcionários da burocracia russa, com extraordinário sucesso em toda a Rússia.

Foi aclamado como gênio pelos mais exigentes críticos da época, entre eles Bielínski¹, que o considera o primeiro romancista social da Rússia, e Nekrassov², que vê em Dostoiévski um novo Gogol³, em homenagem ao primeiro romancista russo moderno. Entre suas obras de maior importância, destacam-se os

¹ Vissarion Bielínski (1811-1848): crítico literário russo, tido como um dos precursores do realismo socialista. (Nota da *IHU On-Line*)

² Nikolai Alekseievitch Nekrassov (1821-1877): jornalista, crítico e poeta russo. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Nikolai Vassilievitch Gogol (1809- 1852) Escritor russo. Gogol é a primeira grande figura do realismo russo. Começa por escrever contos: *Serões na Propriedade de Dikanka*, *Arabescos*, *O Retrato*, *Diário de Um Louco*. Publica um importante romance romântico, *Taras Bulba*, que descreve as lutas dos cossacos contra os ocupantes polacos. Mas não demora a inclinar-se para as propostas literárias do realismo. A este gênero se sujeita a sua obra-prima, *Almas Mortas*, que, baseando-se num fato real, uma burla que consiste em comprar servos mortos para os hipotecar e obter assim um empréstimo, vem a ser uma visão violentamente satírica da Rússia anterior à abolição da escravatura. (Nota da *IHU On-Line*)

romances *O Idiota*, *Crime e Castigo*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*⁴.

Publicou também inúmeros contos: *O Mujiqe Maréi*, *Sonho de um Homem Ridículo*, *Bobock* e outros; além de novelas: *O Senhor Prokharitchin*, *O Homem Debaixo da Cama*, *Uma História Suja* e *O Pequeno Herói*. Criou duas revistas literárias: *O Tempo (Vrémia)* e *Época*, e ainda colaborou nos principais órgãos da imprensa Russa.

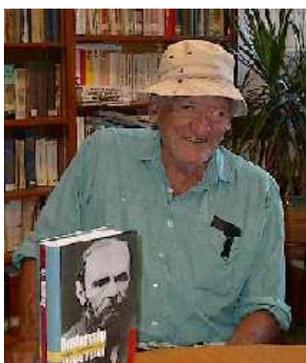
O reconhecimento definitivo de Dostoiévski como escritor universal surge somente depois dos anos 1860, com a publicação dos grandes romances: *O Idiota* e *Crime e Castigo*. Seu último romance, *Os Irmãos Karamázov*, é considerado por Freud⁵ como o maior romance já escrito.

⁴ *Os Irmãos Karamázov* (1879): uma das mais importantes obras das literaturas russas e mundiais, ou, conforme afirmou Freud: "a maior obra da história". Escrita por Dostoiévski tomando como núcleo o niilismo e o ateísmo. O narrador pede constantes desculpas ao leitor por não saber alguns fatos, por considerar a própria narrativa longa (mesmo nos formatos grandes o livro passa de 700 páginas) e por considerar seu herói alguém pouco conhecido ou, até mesmo, desimportante. A narrativa não só conversa com o leitor, mas é onipresente e também indica ou infere os pensamentos dos incontáveis personagens. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8 de maio de 2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*. (Nota da *IHU On-Line*)

A confluência da literatura com a filosofia

Entrevista com Joseph Frank



Professor emérito das Universidades de Princeton e Stanford, Estados Unidos, o Prof. Dr. Joseph Frank, uma das maiores autoridades mundiais em Dostoiévski, disse em entrevista exclusiva, por e-mail à *IHU On-Line*, que a influência do autor russo na literatura mundial é indiscutível. “Ele é universalmente conhecido como um dos maiores romancistas que já existiram”, e influenciou pensadores como Lev Shestov, Nietzsche, Heidegger e

Sartre. A execução simulada, seguida de deportação para a Sibéria como pena para a acusação de conspiração contra o czar, foi muito mais importante na trajetória pessoal e intelectual de Dostoiévski do que sua epilepsia, pondera Frank. “Foi depois da experiência da execução simulada que ele começou a ver as questões sociais da sociedade russa em termos religioso-metafóricos, e isso condicionou toda a sua perspectiva posterior”.

Frank é autor de uma biografia monumental sobre o romancista russo, que inclui cinco volumes, quatro deles traduzidos para o português: *Dostoiévski: as sementes da revolta. 1821-1849*. São Paulo: Edusp, 1999; *Dostoiévski: os anos de provação. 1850 – 1859*. São Paulo: Edusp, 1999; *Dostoiévski: os efeitos da libertação. 1860-1865*. São Paulo: Edusp, 2002 e *Dostoiévski: os anos milagrosos. 1865-1871*. São Paulo: Edusp, 2003. O último tomo, que compreende os dez últimos anos de vida do escritor, pode ser conferido no original, em inglês:

Dostoevski. The Mantle of the Prophet, 1871-1881. Princeton University Press, 2003.

Frank escreveu também *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Edusp, 1992, entre dezenas de outras obras. Recebeu o título *doutor honoris causa* pelas universidades de Chicago, Adelphi, Northwestern e Sorbonne. Até 1989, foi professor de Literatura Comparada e Línguas Eslavas e Literatura em Stanford.

IHU On-Line - Como surgiu seu interesse em estudar Dostoiévski e o que o motivou a escrever uma biografia em cinco volumes sobre

esse autor? Há quantos anos o senhor vem trabalhando nesse projeto?

Josef Frank - Como eu expliquei no prefácio do meu primeiro volume,

Dostoiévski: as sementes da revolta. 1821-1849. São Paulo: Edusp, 1999, eu decidi escrever sobre Dostoiévski por causa de meu interesse, muitos anos atrás, pelo existencialismo francês. À medida que eu estudava os existencialistas franceses, descobri a influência de Dostoiévski sobre eles, e então comecei a estudá-lo. Meu primeiro volume foi publicado em 1976, mas claro que eu havia começado a escrever sobre Dostoiévski por volta de 15-20 anos antes.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a importância de Dostoiévski na literatura mundial, depois de 125 anos de sua morte?

Josef Frank - Não há dúvidas sobre a importância de Dostoiévski na literatura mundial. Ele é universalmente conhecido como um dos maiores romancistas que já existiram.

IHU On-Line - Hoje, quais são os autores mais influenciados por Dostoiévski? Como eles "dialogam" a esse respeito? Bakhtin ainda é o maior intérprete?

Josef Frank - A influência de Dostoiévski em autores universais é difícil de constatar, porque ela se espalhou pelo mundo. Um grande número de romancistas se inspirou no trabalho dele e utilizou um ou outro aspecto do trabalho de Dostoiévski para suas próprias finalidades. Não é que eles "dialoguem" com Dostoiévski, mas sim que são inspirados por um ou outro aspecto das suas criações. Um exemplo entre centenas é William Faulkner⁶. Um escritor que muito se aproxima de Dostoiévski nesse sentido de que ele se engalfinha com a fé religiosa é o

⁶ **William Faulkner** (1887-1962): considerado um dos maiores escritores norte-americanos do século XX. Em 1949, foi nomeado Prêmio Nobel de Literatura. (Nota da *IHU On-Line*)

romancista francês Georges Bernanos⁷. Quanto a Bakhtin⁸, sua visão de Dostoiévski é brilhante – mas talvez em excesso. A noção de Bakhtin de que Dostoiévski permite que seus personagens se libertem do autor vai longe demais. Dostoiévski certamente criou personagens inesquecíveis que expressam pontos de vista diferentes daqueles que nós sabemos ser do autor, mas outros elementos nos romances neutralizam seus efeitos.

IHU On-Line - Na filosofia, especificamente, que pensadores mais utilizaram as idéias de Dostoiévski?

Josef Frank - Aqui, novamente, temos uma questão difícil de responder devido à enorme difusão da influência de Dostoiévski. De modo algum ele era um pensador sistemático, mas ele dramatizava as conseqüências morais, como ele as via, da perda da fé religiosa, e assim afetou todo o curso da filosofia moderna, no que tange a essa questão –

⁷ **Georges Bernanos** (1888-1948): escritor francês, revisionista, de profundo espírito patriótico, novelista e ensaísta polêmico. Dele, confira *Diário de um pároco de aldeia*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Mikhail Mikhailovich Bakhtin** (1895-1975): lingüista russo. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, análise do discurso e semiótica. Bakhtin também é considerado como filósofo da linguagem, e sua lingüística é uma "translingüística" porque ela ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise lingüística deve incluir fatores extralingüísticos como contexto de fala, intenção do falante, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc. Bakhtin professa uma abordagem marxista da língua e da lingüística, pois para ele "a palavra é o signo ideológico por excelência" e também "uma ponte entre mim e o outro". Alguns conceitos fundamentais de Bakhtin são o dialogismo, a polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco. Entre suas obras, destacamos *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

como tem sido desde Nietzsche⁹, que leu Dostoiévski em traduções francesas. Se você quer nomes, eu posso mencionar Lev Shestov¹⁰, Heidegger¹¹ e Sartre¹².

⁹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos "além-do-homem", transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ Lev Isaakovich Shestov (1866-1938): filósofo existencialista russo. Emigrou para a França em 1921, fugindo da Revolução de Outubro. Uma de suas principais obras é *Kierkegaard and the Existential Philosophy*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19 de junho de 2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3 de julho de 2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A Náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica*

***IHU On-Line* – Qual seu ponto de vista sobre a crítica de Dostoiévski com relação ao fenômeno do niilismo russo do século XIX? Dentre seus livros, quais foram os mais emblemáticos na discussão desse tópico?**

Josef Frank – Dostoiévski via o niilismo russo não apenas como um movimento político, mas como um movimento que trazia à tona toda a problemática das fundações da moralidade. Isso é o que dá à sua crítica do niilismo russo tanta força e profundidade. Eu acho que seu romance *Os demônios* é o trabalho no qual ele ataca o niilismo russo mais diretamente.

***IHU On-Line* – O parricídio é uma metáfora para a dissolução do sagrado e para o niilismo na sociedade russa daquela época?**

Josef Frank – A problemática do parricídio realmente aparece em *Os irmãos Karamázov*, e não existe tal questão em livros anteriores. Mas eu concordo no sentido de que essa obra pode ser lida como uma metáfora para a oposição de Dostoiévski à dissolução do sagrado na sociedade russa. Enfraquecer o sagrado foi realmente uma tentativa de matar Deus – o Pai.

***IHU On-Line* – Por que o senhor considera errônea a interpretação de Freud sobre a relação de Dostoiévski com seu pai¹³?**

da razão dialética (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Opinião de Joseph Frank a respeito da interpretação de Freud sobre Dostoiévski:** No capítulo *Dostoiévski e o parricídio*, contido na obra *Dostoiévski: as sementes da revolta. 1821-1849*. São Paulo: Edusp, 1999, Frank considera equivocado o ponto de vista freudiano porque ele teria se

Josef Frank – Freud tentou encaixar Dostoiévski em sua própria teoria da importância do complexo de Édipo. Os fatos nos quais ele se baseou, contudo, estavam factualmente incorretos, como eu mostro no apêndice do meu primeiro volume. O que Freud diz sobre o pai de Dostoiévski simplesmente não é verdade. Ele baseou-se em material de segunda-mão em alemão que era incorreto e que ele usou para embasar suas próprias visões.

IHU On-Line – Qual a importância da epilepsia de Dostoiévski para a trajetória intelectual do autor e como isso se refletiu nos tipos de personagens que ele criou?

Josef Frank – A experiência da epilepsia foi muito significativa na vida de Dostoiévski, mas ele a usou apenas uma vez em seu trabalho – em *O idiota*. Nessa obra, o príncipe Michkin tem um ataque epilético que dá a ele um senso transcendente de harmonia do universo, mas isso é imediatamente negado por seu colapso físico. A epilepsia de Dostoiévski não teve efeito sobre seu trabalho nos anos 1840, e é apenas no príncipe Michkin que ela aparece explicitamente. A doença é sugerida em Kirillov. Foi uma importante experiência pessoal que justificava, se você quiser assim entender, a própria idéia moral de Dostoiévski, mas ele usou-a de maneira muito frugal em seu trabalho.

IHU On-Line – O príncipe Michkin, de *O Idiota*, foi realmente inspirado em

baseado em material de “segunda-mão” em alemão, afirmando que o escritor sofria de Complexo de Édipo. Frank desconfia da célebre história de que a primeira crise de epilepsia de Dostoiévski teria ocorrido depois de ele saber da morte do pai, assassinado por servos, os mujiques. Também não dá crédito às especulações de Freud, que, em ensaio sobre a vida do escritor russo, viu nele traços homossexuais, oriundos desse sentimento de ter sido rejeitado pelo. (Nota da IHU On-Line)

Dom Quixote, de Cervantes? É possível dizer também que Michkin tinha alguns traços da figura de Jesus Cristo?

Josef Frank – Dom Quixote¹⁴ certamente foi uma das fontes para a construção da figura do príncipe Michkin, como o próprio Dostoiévski disse em uma carta, mas ele era contra o tratamento que Cervantes dava a Dom Quixote como uma figura cômica. O príncipe Michkin certamente representa um aspecto do ideal cristão como Dostoiévski o apreendia e podem-se talvez estabelecer algumas analogias entre o Príncipe e Cristo, no sentido de que Michkin desperta a consciência moral de todos aqueles com os quais entra em contato.

IHU On-Line – Mítia, de *Os Irmãos Karamázov*, não matou seu pai, mas sente-se moralmente culpado por desejar sua morte. Então, Mítia se entregaria para a justiça, em uma espécie de auto-expição. Como o senhor interpreta o discernimento psicológico da análise de Dostoiévski e qual é sua atualidade em nossa sociedade pós-moderna?

Josef Frank – O que você diz sobre Mítia é bastante preciso. Dostoiévski oferece um retrato magnífico da consciência, lutando consigo mesma, cujo discernimento psicológico não perdeu nada de seu poder com o passar dos anos. Iria alguém sentir-se dessa maneira em nossa sociedade pós-moderna? Esperamos que sim.

¹⁴ **Don Quixote de La Mancha:** personagem criado por Miguel de Cervantes no livro de mesmo nome. No Brasil, o título do livro é grafado como *Dom Quixote de La Mancha*. O título original completo era *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, com sua primeira edição publicada em Madri, no ano de 1605. O livro é um dos primeiros das línguas européias modernas e é considerado por muitos o expoente máximo da literatura espanhola. (Nota da IHU On-Line)

***IHU On-Line* - Em um contexto mais amplo, nós podemos ver os livros de Dostoiévski como autobiográficos? Como pode ser descrita a relação entre seu trabalho e sua vida?**

Josef Frank - Existem certamente algumas características que subjazem à obra de Dostoiévski que são biográficas, mas em meu próprio trabalho enfatizo o modo como isso é integrado nas questões mais amplas que dizem respeito à sociedade e política russa. Ele seguiu a evolução da ideologia radical muito cuidadosamente, e a fundiu com elementos pessoais de sua própria vida que ele personificou em seus livros. Se esse aspecto de sua biografia é negligenciado, e ele é interpretado apenas de maneira pessoal, em termos

autobiográficos, é realmente impossível entender as bases de seu trabalho.

***IHU On-Line* - Como a falsa execução seguida da deportação para a Sibéria refletiu-se nos livros de Dostoiévski?**

Josef Frank - A execução simulada foi um dos mais importantes eventos na vida de Dostoiévski e teve um efeito fundamental sobre ele. Foi depois da experiência da execução simulada que ele começou a ver as questões sociais religioso-metafóricas da sociedade russa, e isso condicionou toda a sua perspectiva posterior. Na minha opinião, isso foi muito mais importante do que sua epilepsia.

Dostoiévski: nas profundezas da alma humana e da literatura

Entrevista com Elena Vássina



Foto: Nikolai Erofeev

Russa nascida em Moscou, a pesquisadora Elena Vássina, docente na Universidade de São Paulo (USP), desde 1999, disse, por telefone à **IHU On-Line**, que existem três grandes dificuldades de adaptar-se às obras de Dostoiévski para o teatro. A primeira diz respeito à polifonia de seus romances, para usar um termo cunhado pelo lingüista Mikhail Bakhtin. Assim, menciona Vássina, acontece uma “transcodificação da linguagem de Dostoiévski, da linguagem literária para a linguagem teatral, que já tem outros meios

da expressão estética, bem diferentes dos que regem a estrutura narrativa romanesca”. A segunda dificuldade é a profundidade de cada uma das obras, que parecem ser inesgotáveis. “Essa qualidade faz da obra de Dostoiévski uma fonte sem fundo”. Na opinião de Vássina, o autor russo chegou mesmo “a profetizar alguns temas importantíssimos da literatura do século XX e XXI. Ele fez também a literatura se concentrar mais no tema da existência humana e nas suas questões malditas e eternas. Além disso, impulsionou a literatura a pesquisar mais sobre a psicologia humana, o ser humano e todas as contradições da nossa existência e da nossa vida”.

Vássina é professora nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras Russas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Aprendeu a falar português em Moscou, e o faz com fluência e um belíssimo sotaque. Graduada e mestre em Letras pela Universidade Estatal de Moscou, Vássina é doutora em Artes pelo Instituto Estatal de Pesquisa da Arte (IEPA), também na Rússia, com a tese *Principais tendências de desenvolvimento do teatro brasileiro dos anos 70*. Coursou pós-doutorado no IEPA. É uma das organizadoras das obras *Cadernos de Literatura e Cultura Russa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004 e *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Humanitas, 2005.

IHU On-Line - Quais são as aproximações que podem ser feitas entre a literatura de Dostoiévski e o teatro?

Elena Vássina - O reconhecido escritor alemão Thomas Mann¹⁵ denominou os romances de Dostoiévski de “grandiosos dramas, construídos segundo as regras do palco”. Na verdade, Dostoiévski nunca chegou a escrever especificamente para o teatro, apesar de gostar muito de teatro. Nos seus diários e cadernos de anotações, há várias referências às peças que ele gostaria de escrever (pensou, por exemplo, em criar dramas *Boris Godunov* e *Maria Stuart*), um sonho que nunca chegou a concretizar. Apesar disso, Dostoiévski é um escritor, cuja obra teve, e tem, uma importância impressionante não só no teatro russo, como também no teatro universal. Eu, inclusive, publiquei alguns ensaios sobre isso, falando sobre a densidade de Dostoiévski, que, na sua linguagem, em seu discurso, usa muitas estruturas dramáticas. Todas as obras de Dostoiévski estão baseadas no princípio de ação, que é o mais importante para o teatro. Não é por acaso que todas as suas obras, incluindo até seus últimos grandes romances como *Crime e Castigo*, *Idiota*, *Os Demônios* e *Os irmãos Karamázov*, foram levados aos palcos do mundo inteiro. Posso dizer que a montagem de Dostoiévski apresenta, em certo sentido, “uma prova de fogo” para diretores teatrais, pois os obriga a mergulhar em profundezas da “vida do espírito humano” e, ao mesmo tempo, enfrentar dramas de idéias.

¹⁵ **Thomas Mann** (1875 - 1955): romancista alemão, considerado um dos maiores do século XX. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich. Ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks* (*Buddenbrooks*), romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Das obras de Dostoiévski, quais já foram adaptadas para o teatro?

Elena Vássina - Eu não conheço nenhuma obra de Dostoiévski que não tenha passado pelo palco, pela encenação. Mas, para não falar apenas em termos gerais, eu posso citar algumas das montagens talvez mais importantes. Tenho que começar, com certeza, com a primeira famosa encenação de *Os irmãos Karamázov*, dirigida no Teatro de Arte de Moscou por um dos seus fundadores, Vladimir Nemiróvitch-Dântchenko¹⁶ em 1910. Foi a primeira experiência de transposição da obra prosaica, de um romance bem volumoso, para o palco. O espetáculo, chamado por vários críticos, de “verdadeira tragédia russa” teve um sucesso extraordinário. Outra experiência de transposição do romance era a encenação de *Os Demônios*, também feita pelo Teatro da Arte de Moscou, de 1912, que mais uma vez provou a dramaticidade da narrativa dostoiévskiana. Há dois anos atrás, assisti aqui em São Paulo a uma montagem interessantíssima de *Crime e Castigo*, um dos romances mais conhecidos de Dostoiévski, que foi realizada pelos alunos da escola de Artes Cênicas de Santo André e dirigida e supervisionada por Antônio Araújo.

Também, como referência, menciono o teatro gaúcho, em específico, a montagem de Nair D’Agostini¹⁷, doutoranda do

¹⁶ **Vladimir Nemiróvitch-Dântchenko** (1858-1943): um dos fundadores do Teatro de Arte de Moscou, juntamente com Konstantin Sergueievich Alexeiev Iakovlev, verdadeiro nome do teatrólogo russo Stanislavski. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ **Nair D’Agostini**: diretora teatral brasileira. Traduziu, adaptou e dirigiu a peça teatral *A dócil*, baseada na novela *Krotkaja*, de Dostoiévski. A referida peça foi apresentada na Unisinos em 21-6-2005, no Anfiteatro Padre Werner, integrando a programação do evento *Sempre às Terças*. D’Agostini foi entrevistada por e-mail para a edição 149 da *IHU On-Line*, de 4-6-2005, sob o título *As políticas de fomento à pesquisa esqueceram da arte cênica*. (Nota da *IHU On-Line*)

nosso programa de pós da USP, uma diretora, uma professora que fez a montagem de novela *A Dócil* com atores gaúchos no ano passado. Existem inúmeras montagens maravilhosas das obras adaptadas de Dostoiévski que já vi na minha vida. Talvez também vale a pena mencionar que, no final de setembro, início de outubro, vai ser apresentada no Brasil (em Brasília, São Paulo e Rio) um espetáculo maravilhoso, *K.I. do Crime*, do diretor russo Kama Guinkas¹⁸. Esse espetáculo, que é uma interpretação cênica de um episódio do romance *Crime e Castigo*, mostra uma das principais características do “teatro de Dostoiévski”: sempre um envolvimento emocional forte do público, que, por meio das obras geniais do escritor russo, passa a sentir a compaixão (um dos conceitos principais da ética dostoiévskiana), a dor do próximo como se fosse sua própria dor.

IHU On-Line - Quais são as maiores dificuldades em se realizar essa adaptação?

Elena Vássina – A primeira dificuldade que eu devo mencionar diz respeito ao termo usado por Mikhail Bakhtin - a polifonia da obra de Dostoiévski. Ele falou que os romances de Dostoiévski são polifônicos. Polifônicos quer dizer como se fossem uma orquestra sinfônica que deveria interpretar diferentes linhas, diferentes vozes, mundos dos quais Dostoiévski compõe seus romances. Cada personagem é sempre o portador de uma idéia, de sua própria visão de mundo. Como regra, quando as obras de Dostoiévski são encenadas no teatro, o diretor sempre escolhe uma, duas ou três, no máximo quatro linhas principais, dos romances de Dostoiévski. Como no teatro, o espetáculo não pode durar

¹⁸ **Kama Guinkas**: diretor teatral russo. (Nota da *IHU On-Line*)

semanas, meses, e tem uma hora “X”, um máximo de tempo que o público pode agüentar, então sempre o conteúdo das obras de Dostoiévski é reduzido no palco. Mas isso de nenhuma maneira quer dizer que as obras de Dostoiévski perdem na encenação as suas qualidades artísticas. Não! Acontece uma transcodificação da linguagem de Dostoiévski, da linguagem literária para a linguagem teatral, cujos meios da expressão estética são bem diferentes dos que regem a estrutura narrativa romanesca. Esse princípio polifônico da obra de Dostoiévski eu vejo como uma das maiores dificuldades na sua adaptação. A segunda dificuldade é a profundidade de cada uma das obras, que parecem ser inesgotáveis. Essa qualidade faz da obra de Dostoiévski uma fonte sem fundo. Qualquer uma delas, até mesmo um pequeno conto. Descobrimos muitos sentidos quando começamos a mergulhar na profundidade da obra de Dostoiévski, que parece não terminar. Essa qualidade faz da obra de Dostoiévski uma fonte sem fundo. Esse é um certo desafio para o palco, para o teatro, mas é, ao mesmo tempo, uma qualidade magnífica, importantíssima de Dostoiévski, que inspira a arte cênica.

IHU On-Line - De que forma o cênico se apresenta em Dostoiévski?

Elena Vássina – Já no início do século XX foi observado por vários teóricos, pelos vários críticos da obra de Dostoiévski, a extrema *cenicidade* da sua linguagem literária. Essa *cenicidade* está associada ao traço característico da narrativa dostoiévskiana que, antes de tudo, se baseia em ação, é a ação que organiza a estrutura da prosa, deixando assim as personagens “livres” do autor. E talvez também uma qualidade muito importante da linguagem de Dostoiévski é que todos os conflitos e colisões presentes em sua obra têm a sua dramaticidade, quer dizer, um potencial

dramático muito grande. Não é por acaso que as principais obras de Dostoiévski foram definidas como “romances-tragédias” russos. É verdade que seus romances se aproximam ao gênero de tragédia, um gênero dramático, clássico, que está voltando ao palco da nossa época, graças às encenações das obras dostoiévskianas.

IHU On-Line - Em sua opinião, qual é a maior contribuição de Dostoiévski para a literatura russa e mundial?

Elena Vássina - Eu acho que Dostoiévski colocou, tanto para a literatura russa, quanto para a literatura mundial, um patamar estético e filosófico muito alto, que vários escritores russos e ocidentais procuram seguir. Eles olham para cima, e olham para a obra de Dostoiévski. Eles querem, digamos, seguir o exemplo de Dostoiévski. O escritor russo renovou o gênero literário, o de romance, ao ter criado romance polifônico, baseado no princípio de dialogismo de idéias, sempre vivas, concretizadas em personagens. Essa é uma das maiores contribuições de Dostoiévski. Também não é menos importante o fato de Dostoiévski profetizar algumas questões (por exemplo, crise de consciência) cruciais da literatura dos séculos XX e XXI. Ele fez a literatura concentrar-se mais nos problemas da existência humana, o tema universal que diz respeito a todos nós, seres humanos. Além disso, impulsionou a literatura a pesquisar mais sobre a psicologia e a consciência e todas as contradições inevitáveis de permanente luta do bem e do mal dentro de coração de homem.

IHU On-Line - Qual é a recepção de Dostoiévski na Rússia do século XXI?

Elena Vássina - Dostoiévski é um dos mais lidos, publicados, encenados, interpretados e estudados autores

clássicos. É muito filmado, inclusive. Por exemplo, faz pouco tempo que passou na Rússia uma minissérie (10 capítulos) baseada em *O Idiota*, com um maravilhoso ator no papel principal, Evguêni Mirónov. Essa minissérie exibida na Rússia revelou como Dostoiévski é popular, milhões e milhões de espectadores ficaram “grudados” na TV, compartilhando a história apaixonante dos personagens dostoiévskianos. É um dos escritores mais intelectuais da literatura universal e, ao mesmo tempo, um escritor que invade o coração de qualquer um. Eu posso dizer que Dostoiévski agora, na Rússia, é tratado como se fosse um contemporâneo. Como nunca, ele está vivo e influente, e participa junto com outros autores de clássicos russos, na formação da mentalidade do povo do meu país. Dostoiévski bate em nossas corações, desperta nossa consciência, exigindo de nós a responsabilidade pelo que somos e pelo mundo em que vivemos. Os russos começam a ler e estudar Dostoiévski já na adolescência, na oitava série, é obrigatório. E desde então ele se torna uma referência inevitável de todas as perguntas malditas que se enfrentam na vida. Também, na Rússia existe a *Fundação Dostoiévski* (seu presidente, Prof. Igor Vólguin participou no ano passado no Colóquio Internacional *Dostoiévski: crítica e criação*, organizado pelo Programa da Pós em Literatura Russa da USP), que realiza importantíssimas atividades (congressos, publicações, mostras, exposições etc.) dedicadas à herança artística de Dostoiévski e que reúne todos os estudiosos e amantes da sua obra.

IHU On-Line - A senhora acredita que ele retratou bem a realidade da Rússia que conhecia, sobretudo no que diz respeito ao fenômeno do nihilismo?

Elena Vássina – Sim, com certeza. Ele não só retratou bem a realidade russa que ele conhecia, mas também foi um profeta de muitos acontecimentos trágicos da história da Rússia, especialmente no que diz respeito ao fenômeno do niilismo e de sua consequência lógica, do terrorismo. Sabe-se que o romance de Dostoiévski, *Os Demônios*, é dedicado ao estudo desse fenômeno, ao estudo do aparecimento do terrorismo que apresenta, segundo Dostoiévski, uma tentação demoníaca de refazer o mundo, deixando-se guiar pela idéia falsa e sendo convencido de que os fins justificam os meios. Um dos personagens principais do romance, Piotr Verkhovénski, teve um protótipo real, Serguei Netcháiev¹⁹, niilista e terrorista russo da segunda metade do século XIX. É assustador ver como muitas niilistas de hoje continuam repetindo as idéias dos personagens de Dostoiévski.

Eu sempre lembro da famosa frase de Dostoiévski, de *Os irmãos Karamázov*, quando Ivan fala: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Nós, russos no século XX, vivemos na União Soviética o grande terror stalinista, e realmente passamos por essa experiência horrível. Tudo foi permitido. Permitido matar, colocar no campo de concentração 40 milhões dos habitantes da União Soviética. E Dostoiévski, em certo sentido, com certeza profetizou isso.

Um escritor do ser humano

Também é muito importante que Dostoiévski, como escritor universal, era um escritor do ser humano, que conseguiu descrevê-lo com profundidade,

¹⁹ **Serguei Netcháiev** (1847-1882): anarquista russo, autor do *Catecismo do Revolucionário*, de 1868, escrito em parceria com Mikhail Bakunin. Netcháiev passou à história como a encarnação do terrorismo político. Na vida real, sofreu um processo criminal por ter assassinado a um estudante, caso que inspirou Dostoiévski a escrever a obra-prima *Os demônios*. (Nota da *IHU On-Line*)

misericórdia, amor e, ao mesmo tempo, objetividade. Dostoiévski mostrou que o Mal sempre está dentro do ser humano. O ser humano é essa fonte do Mal. O Mal não está fora de nós. O século XX mostrou o Mal do ser humano, e que ponto do Mal do ser humano pode chegar. Mas, ao mesmo tempo, Dostoiévski também revelou os caminhos da iluminação, os caminhos do renascimento dos seus personagens. Quando falo de *Crime e Castigo*, sempre me lembro do final da obra: é a ressurreição do personagem principal, de Raskólnikov, que tinha matado as duas velhas e que através do amor à prostituta Sônia²⁰, chega à ressurreição espiritual e arrepende-se de todo o Mal que cometeu. É lindo este final do romance, está pleno de fé na possibilidade de ser humano “ressuscitar por meio de amor”.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Elena Vássina – Eu acho que seria importante comentar que Dostoiévski é um autor universal. Isso porque ele fala dos problemas do ser humano que dizem respeito a cada um de nós. Não tem um problema, um aspecto, por ele abordado, que possamos dizer que nunca nos disse respeito. Não podemos dizer que, por nunca termos matado alguém, não leremos *Crime e Castigo*, pois é uma história que trata sobre problemas ligados a assassinato, culpa, crime e castigo, e, portanto, não nos diz respeito. Quando lemos Dostoiévski, nós sentimos que ele alcança o coração de cada um de nós. Ele toca os pontos certos, mexe com as partes mais doloridas da existência humana. Ao mesmo tempo, mexendo nessas dores, ele consegue mostrar para os leitores os

²⁰ **Sônia Marmeládov**: personagem da obra *Crime e castigo*. Após matar uma velha usurária e sua irmã, Raskólnikov vai para a prisão e conhece Sônia, que o levará para o caminho da redenção. (Nota da *IHU On-Line*)

caminhos da luz, os caminhos de como resolver, ultrapassar as crises da nossa vida.

A ligação entre Ser e Deus

Além disso, Dostoiévski sempre pergunta: “Quem é culpado”? Ele mostra em suas obras que todos nós, seres humanos, somos culpados das situações em que nós estamos. Dostoiévski é o escritor que fala da metafísica do Mal e do Bem ao mesmo tempo. Além disso, ele liga o Ser a Deus. Toda sua obra tem projeção para a eternidade, para o céu, para Deus. Nunca as resoluções dos problemas humanos de Dostoiévski se encontram apenas na realidade material. Eles sempre ultrapassam o material. Eles sempre

atendem as mais enigmáticas camadas espirituais do ser humano. Isso eu também penso ser muito importante.

Algo que igualmente chama a minha atenção é que as principais obras desse autor refletem sobre a liberdade. Na metade do século XIX, Dostoiévski mostrou para as gerações do século XX e XXI que, quando o ser humano começa a se alinhar com o Mal, perde a liberdade (com certeza, um dos importantes princípios para o nosso mundo). Ele se torna um escravo do Mal. Por exemplo, no romance *Os Demônios*, é óbvio como Dostoiévski mostra a escravização do Mal que acontece com o ser humano, por meio de seus personagens.

Parricídio, niilismo e destruição da tradição

Entrevista com Luiz Filipe Pondé



“O parricídio representa o corte filosófico e psicológico com o passado. No limite, o “passado é Deus”, pois ele é nossa origem, somos da “raça de Deus”. O parricídio é figura do pecado da recusa de Deus e de constituição do orgulho de ser independente (ilusão) ontologicamente. A modernidade, sempre sob

a ótica de uma teologia da modernidade, representa a defesa filosófica do parricídio: matamos Deus, matamos o Pai, somos livres para exercermos o nada; esse nada é o niilismo articulado em todas as frentes, mas que Ivan, ao final do livro, parricida por excelência, percebe que diante de si está o vazio, o Diabo ou seu duplo, um cínico niilista. Ele vê o Mal em operação”. A afirmação é do médico e filósofo Luiz Filipe Pondé, em entrevista exclusiva, por e-mail, à **IHU On-Line**. Segundo ele, “a modernidade é uma experiência radical do nada, dissolução da tradição, destruição da crença na validade do mundo espiritual, uma verdadeira transcendência para o nada”.

Pondé leciona no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião e do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e é professor e pesquisador convidado em Mística Medieval da Universidade de Marburg, Alemanha. Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu ***O Homem Insuficiente***. São Paulo: EDUSP, 2001; ***Crítica e Profecia, Filosofia da Religião em Dostoiévski***. São Paulo: Editora 34, 2003 e ***Conhecimento na Desgraça. Ensaio de Epistemologia Pascaliana***. São Paulo: EDUSP, 2004. No livro ***No limiar do mistério. Mística e religião***. São Paulo: Paulinas, 2004, organizado por Faustino Teixeira, Pondé publicou o artigo *O método de Deus*. Na edição 133 da ***IHU On-Line***, de 21-03-2005, cujo tema de capa foi *Delicadezas do mistério. A mística hoje*, Pondé concedeu com exclusividade a entrevista *A mística judaica*. A edição está disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line – Por que não é possível apreender a obra de Dostoiévski a fundo sem compreender seu pensamento religioso?

Luiz Filipe Pondé – Existe um grande preconceito contra a religião no mundo acadêmico; a ignorância travestida de crítica é grande; mesmo a teologia capitulou, em grande parte, diante dessa crítica e do vício da teoria social; o cristianismo fornece categorias que fundam a obra de Dostoiévski como “ascese no deserto”, “santidade”, “mal como decomposição”, “responsabilidade do indivíduo diante do Mal e não do contexto”, além, é claro, de inúmeras declarações do próprio autor; isso não significa que outras áreas do conhecimento não sejam importantes; para um autor que afirma a alma, como se pode reduzi-lo a categorias materialistas e contextualistas meramente? O conhecimento da filosofia cristã ajuda a entender a profundidade do drama que é pneumatológico, e não psicológico em sua obra, afirmação do próprio Dostoiévski.

IHU On-Line – Por que razão o personagem sem nome de *Memórias do subsolo*, juntamente com Raskólnikov, de *Crime e castigo*, e Ivan²¹, de *Os Irmãos Karamázov*, são considerados a trilogia dos agonizados de Dostoiévski?

Luiz Filipe Pondé – São homens que trazem à superfície o mundo “reprimido” do subsolo; esse mundo é o mundo da alma em decomposição pela ação do pecado que prende o homem num

²¹ Ivã Fiodórovith Karamázov: personagem de *Os Irmãos Karamázov*, intelectual e niilista que “doutrinou” o meio-irmão Smierdiákov, criado da casa, de que “tudo é permitido”. O diálogo conhecido como *Grande Inquisidor*, no qual essa afirmação é feita, acontece entre Ivã e Aliéksiei, o filho religioso. (Nota da *IHU On-Line*)

funcionamento racionalista e egóico. Todos eles são homens que enfrentam e experimentam essa *denudatio* de uma alma oprimida entre um intelecto que roda no vazio, alimentando-se de teorias psicológicas ou sociológicas ou filosóficas “do momento”, mas que estão a serviço de uma mentira que é a liberdade humana diante de sua opção contínua pelo Mal. O subsolo é esse movimento agônico de confrontar a verdade. Ser um homem do subsolo é descortinar o Mal em si.

IHU On-Line – Partindo da crítica do escritor ao niilismo, podemos dizer que a religião é a saída, a transcendência para esse fenômeno?

Luiz Filipe Pondé – Sim, mas com atenuantes. A religião como experiência concreta e não um discurso teórico sobre a existência de Deus. O que Ivan fala é que “logicamente” um mundo sem Deus e sem alma imortal é niilista, mas ele é o exemplo de que saber disso de nada adianta...

IHU On-Line – Como sua crítica ao niilismo se relaciona com sua crítica à modernidade?

Luiz Filipe Pondé – A modernidade é uma experiência radical do nada, dissolução da tradição (a figura do parricida é isso), destruição da crença na validade do mundo espiritual, uma verdadeira transcendência para o nada. As ciências humanas modernas e seu niilismo científico das “teorias do meio” é uma sofisticação que nadifica a experiência moral humana; todavia, existe em Dostoiévski uma teologia da modernidade que “santifica” o niilismo como figura da experiência do deserto produtora de consciência da condição humana, e nesse sentido não se pode falar de uma simples diabolização da modernidade, e sim de um envolvimento

do Mal pela presença de Deus que na realidade se impõe na medida em que, ao final, a decomposição pode levar à consciência da noite escura da alma e a modernidade seria isso no plano histórico.

IHU On-Line - Como Dostoiévski lida com a questão do Mal em seus livros?

Luiz Filipe Pondé - O Mal é real na medida em que ele é um “impulso” para a descrição, a dissolução do ser (sempre da alma na experiência da agonia), como disse na questão acima.

IHU On-Line - Em Crítica e profecia o senhor afirma que, em *O Idiota* e em *Os irmãos Karamázov*, Dostoiévski define melhor sua idéia de pessoa religiosa. O senhor se refere a Míchkin e Aliócha? Poderia dar mais detalhes?

Luiz Filipe Pondé - Uma pessoa religiosa é alguém que se move sob o espectro da presença de Deus. Esse movimento faz dentro da economia estética do romance a experiência da ordem de que a personagem é acompanhada no seu pensamento e na sua atividade por elementos que transcendem o plano psicológico ou o intelecto imanente. Sônia é um exemplo: a ingenuidade, a quebra da expectativa do comportamento ‘normal’ em situações esperadas, a referência constante ao modelo do Cristo e a superação da atitude utilitarista são sempre indicações dessa Presença. Em *O Idiota*, por exemplo, ao levar uma bofetada injusta no lugar da irmã, o Príncipe pensa na vergonha que sentirá o agressor. Sônia não odeia seu pai, enfim, fragmentos de santidade e amor improváveis.

IHU On-Line - É possível tecer uma aproximação entre a figura de Míchkin e Jesus Cristo, partindo do pressuposto de que, ao intitular a obra de *O Idiota*, Dostoiévski faz,

indiretamente, menção a alguém que fala seu próprio idioma, como Jesus o fazia, incompreendido pela maioria?

Luiz Filipe Pondé - Sim, conforme mencionei anteriormente. O idiota é o Cristo inclusive na medida em que ele fracassa no mundo dos homens. Além disso, ele fracassa na lógica humanista do homem que é apreensível pela racionalidade egóica. Estar preso ao sucesso no mundo é indicação de presença do pecado.

IHU On-Line - Por que Dostoiévski entende os ateus como decompostos em vida?

Luiz Filipe Pondé - Os ateus representam filosoficamente o nada em operação afirmativa. Sendo um “conceito”, o ateísmo, crença negativa, alimenta a destruição da alma na medida em que o intelecto é parasitado pela negação de Deus, esse “conceito parasita” produz uma cegueira contínua, racionalmente articulada; a decomposição está em tudo, no ateísmo ela assume um *modus operandi* sofisticado conceitualmente.

IHU On-Line - Qual é a relação entre parricídio e morte da tradição em *Os irmãos Karamázov*?

Luiz Filipe Pondé - O parricídio representa o corte filosófico e psicológico com o passado. No limite, o “passado é Deus”, pois ele é nossa origem, somos da “raça de Deus”. O parricídio é figura do pecado da recusa de Deus e de constituição do orgulho de ser independente (ilusão) ontologicamente. A modernidade, sempre sob a ótica de uma teologia da modernidade, representa a defesa filosófica do parricídio: matamos Deus, matamos o Pai, somos livres para exercermos o nada; esse nada é o niilismo articulado em todas as frentes, mas que Ivan, ao final do livro, parricida por excelência, percebe que diante de si

está o vazio, o Diabo ou seu duplo, um cínico niilista. Ele vê o Mal em operação. O amor pela realidade é o signo máximo no cristianismo, filho do judaísmo, essa religião que prefere sempre a realidade contra a fantasia, nela o pessimismo é sempre um pecado sofisticado. A modernidade é parricida com distinção e

louvor, é militante e interpreta isso como liberdade, ao invés de perceber que essa liberdade é a do nada. A figura do Pai humano representa a consciência da dependência. Odiar o Pai é, no fundo, uma das marcas essenciais de nossa desgraça.

Os desafios da tradução direta

Entrevista com Paulo Bezerra

Na opinião de Paulo Bezerra, tradutor de Dostoiévski diretamente do russo para o português, pela Editora 34, são dois os maiores pontos positivos em se empreender essa tarefa. O primeiro deles é a recriação “dos valores e sentidos do original numa linguagem que mantenha suas propriedades específicas de linguagem literária como estão no original”. O segundo ponto positivo é “traduzir a linguagem conceitual empregada pelo autor. O simples desvio ou desfiguração de um conceito pode invalidar todo um ensaio ou obra científica”. Bezerra, que viveu na Rússia na década de 1960, afirma que “Dostoiévski é o maior artista da crise na literatura universal. Quando suas personagens entram em crise sua linguagem também entra, e cabe ao tradutor perceber como a desestruturação do psiquismo de uma personagem acarreta a desestruturação de sua linguagem”. E completa: “por trás do caos da linguagem, produto da desestruturação do psiquismo da personagem, existe uma lógica construída por um autor que tem plena clareza da crise - a lógica do próprio ataque epiléptico e de sua representação literária. O tradutor precisa estar consciente dessa clareza obscura do original e recriá-la na tradução”. As declarações foram dadas por e-mail à *IHU On-Line*.

Graduado em História e Filologia pela Moscow Lomonosov State University e em Português-Literatura pela Universidade Gama Filho (UGF), Bezerra é mestre e doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Sua tese intitula-se *A gênese do romance na teoria de Mikhail Bakhtin*. Obteve título de livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP) e entre suas inúmeras traduções de Dostoiévski, citamos as seguintes: *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2001; *O idiota*. São Paulo: Editora 34, 2002; *Os demônios*. São Paulo: Editora 34, 2003; *Dostoiévski*:

Bobók. Tradução e análise do texto. São Paulo: Contexto, 2005. De Mikhail Bakhtin, traduziu para o português *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

IHU On-Line - Como surgiu seu interesse pelo idioma russo e pelas traduções?

Paulo Bezerra - Eu era um jovem recém-ingresso no Partidão²², por volta de 1960. O Brasil acabava de reatar relações com a URSS, o vôo de Gagarin²³ iniciava a era da conquista do espaço, intelectuais e cientistas brasileiros visitavam a URSS e de lá voltavam fazendo palestras sobre a vida soviética, o que fazia aumentar o interesse e até o entusiasmo por esse país. Em 1963, fui enviado a Moscou pelo Partidão para fazer um curso de Ciência Política e, lá estando, rebentou o golpe de 1964²⁴, deixando-me sem condições de retornar. Eu já andava encantado com a língua russa e aproveitei para estudá-la a fundo. O aprofundamento no estudo da língua trouxe a vontade de traduzir e a consciência de que poderia fazê-lo. Além disso, eu já trabalhava como tradutor na Rádio Moscou. Foi aí que tudo começou.

²² **PCB:** Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, também conhecido como Partidão, e mantido na ilegalidade até 1985. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Colonel Yuri Alekseyevich Gagarin** (1934-1968): cosmonauta soviético, que, em 1961, se tornou o primeiro homem a ir ao espaço e o primeiro a entrar em órbita em torno da Terra. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Golpe Militar:** Movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a *Operação Brother Sam*, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar, os militares assumiram o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar, o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira também as edições nº 96 da *IHU On-Line*, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 - 2004: hora de passar o Brasil a limpo*. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais são os maiores pontos positivos em traduzir Dostoiévski diretamente do russo? E quais são as maiores dificuldades e desafios de traduzir do russo para o português? O que se perde?

Paulo Bezerra - Acho que se pode definir em dois pontos a finalidade essencial da tradução direta: 1) em se tratando de literatura, de ficção, recriar os valores e sentidos do original numa linguagem que mantenha suas propriedades específicas de linguagem literária como estão no original e, 2) em se tratando de ensaio ou obra científica, traduzir a linguagem conceitual empregada pelo autor. O simples desvio ou desfiguração de um conceito pode invalidar todo um ensaio ou obra científica.

IHU On-Line - Dos livros de Dostoiévski que traduziu, qual apresentou mais complexidades e por quê?

Paulo Bezerra - Todos são altamente complexos. Dostoiévski é o maior artista da crise na literatura universal. Quando suas personagens entram em crise, sua linguagem também entra, e cabe ao tradutor perceber como a desestruturação do psiquismo de uma personagem acarreta a desestruturação de sua linguagem. Além disso, a língua russa possui uma riqueza infinita de partículas que dispensam verbo e substantivo na formação de frases, e isso dificulta terrivelmente o entendimento. Enfrentei essa questão na tradução de *Bobók*, em que há períodos de duas a três linhas sem um único verbo e um único substantivo. Nesse livro, publicado pela Editora 34 com o título *Dostoiévski. Bobók*.

Tradução e análise do conto, explico esse desafio em um capítulo sobre a tradução.

IHU On-Line - No caso da linguagem de Míchkin em seu ataque epilético em *O idiota*, quais são os desafios de fazer essa tradução?

Paulo Bezerra - Míchkin²⁵ está falando no salão dos Beriendêiev e de repente sua linguagem começa a ficar meio empolada, a sintaxe fica descontínua, as palavras atropelam-se, surge um quase-caos: é o ataque de epilepsia que se aproxima. Tudo fica obscuro, e aí surge uma questão que eu chamo de clareza obscura: por trás do caos da linguagem, produto da desestruturação do psiquismo da personagem. Existe uma lógica construída por um autor que tem plena clareza da crise - a lógica do próprio ataque epilético e de sua representação literária. O tradutor precisa estar consciente dessa clareza obscura do original e recriá-la na tradução.

IHU On-Line - As traduções de Dostoiévski para o português, vindas do francês, guardam alguma peculiaridade, alguma diferença em função desse idioma? Por quê?

Paulo Bezerra - A diferença essencial está precisamente nas propriedades da linguagem. No caso específico de Míchkin, as traduções indiretas de *O idiota* apresentam uma linguagem clara,

²⁵ **Príncipe Míchkin**: personagem principal do romance *O idiota*. Ao longo da obra, o Príncipe mostra ser honesto, bondoso e romântico, mas tem problemas com isso, pois os outros acham que isso é ser idiota. O príncipe Míchkin morou na Suíça por vários anos para tratar de sua idiotia, voltando à Rússia para reclamar uma herança, estando praticamente curado. Na Rússia, conhece uma parente distante e afeiçoa-se a ela. Dostoiévski nesse livro fala do nacionalismo russo e do catolicismo eslavo. Com o Príncipe, ele tenta resgatar uma figura pura e quase santa de uma sociedade russa que talvez tenha existido. O livro é considerado o mais típico de seu estilo, com abundantes personagens, análises psicológicas, histórias e humor. (Nota da *IHU On-Line*)

contínua, sem as sinuosidades e o caos da linguagem que representa um ataque epilético, e o resultado é um só: o leitor não percebe a crise da personagem por meio de sua linguagem. Esse é apenas um dos vários aspectos negativos das traduções indiretas.

IHU On-Line - Em seu ponto de vista, qual é a atualidade da obra de Dostoiévski? Ela continua expressando as angústias e as diferentes vozes do ser humano?

Paulo Bezerra - Dostoiévski representou como ninguém a condição do excluído. Hoje vivemos uma situação em que a exclusão, que ontem se considerava exceção, hoje virou regra, e regra aceita com tamanha naturalidade (ou desfaçatez) que o desemprego já é considerado questão estrutural e integra o planejamento da economia em muitos países. Acrescente-se ainda a questão da ética, central em Dostoiévski, e teremos mais um tema atualíssimo de sua obra. Há outros temas candentes, que, por falta de espaço, não dá para discutir.

IHU On-Line - O senhor poderia definir como acontecem os processos de construção, articulação e interação das vozes nos romances de Dostoiévski e Machado de Assis? Por que aproximar esses autores?

Paulo Bezerra - Em Dostoiévski, a fala de uma personagem nunca se basta a si mesma; precisa da voz do outro que com ela interage num diálogo nem sempre explícito, ou seja, por mais completo que seja o raciocínio de uma personagem nele sempre ficam lacunas que só podem ser preenchidas pela voz do outro. Veja-se o caso de *Crime e castigo*. Raskólnikov²⁶, personagem central, tem

²⁶ **Raskólnikov**: personagem principal do romance *Crime e castigo*. Professor de línguas, Raskólnikov é um homem pobre, que vive angustiado em fazer algo importante de sua vida. Ele divide o homem em

um projeto de matar a velha usurária, desenvolve uma filosofia do crime eticamente justificável, convive com uma infinidade de injustiças sociais que só justificam seu projeto, mas lhe falta algo para levá-lo à ação. Numa taverna, ele ouve o diálogo entre um estudante e um oficial, no qual os dois desenvolvem a tese, segundo a qual as pessoas socialmente nocivas precisam ser eliminadas para que milhares de outras pessoas possam viver. Essa tese era a lacuna que ainda existia no projeto de Raskólnikov. Preenchida a lacuna pela voz do outro, Raskólnikov sai dali com a decisão tomada de eliminar a velha. E a elimina. Vejamos um exemplo em Machado de Assis²⁷: *Esau e Jacó*. Neste romance, Natividade, senhora rica, da alta sociedade carioca, católica praticante, representante do topo da hierarquia social e cultural, procura a cabocla adivinha para resolver uma dúvida que a corrói: o destino dos filhos. Depois de um diálogo, curiosíssimo com a adivinha, no qual esta pergunta se os filhos “brigaram

no ventre” e Natividade, aturdida, confirma as suspeitas da cabocla, ela ouve desta que os filhos serão “grandes”. O simples fato de Natividade procurar a cabocla, representante do submundo sociocultural e religioso, já atesta a necessidade do diálogo entre diferentes faixas da cultura nacional para resolver um problema que a cultura oficial e socialmente elevada de Natividade não consegue resolver. Em casa de Natividade, Santos, seu marido, espírita praticante, envolve na discussão o Dr. Plácido, seu mestre em ciências espíritas, Aires, o alto saber da Bíblia e da filosofia na pessoa de Empédocles, e tudo com um único fim: rejeitar ou confirmar se os filhos “brigaram no ventre”. E acabam concordando com a cabocla. Assim, uma hipótese levantada por uma voz se completa nas outras vozes em diálogo e o resultado final é o de que a voz da cabocla acaba prevalecendo ao longo do romance.

ordinário e extraordinário, numa tentativa de explicar a quebra das regras em prol do avanço humano. Seguindo este preceito, Raskólnikov planeja, em meio a uma luta consigo, a morte de uma usurária (alguém que empresta dinheiro a juros) e, finalmente, cumpre-o. Antes de fugir da cena do crime, porém, Raskólnikov também comete, a contragosto, o assassinato de Lisavieta, irmã da velha usurária, pois ela havia visto o cadáver recém-assassinado no chão. Após tal fato e seus desfechos, o romance relata de maneira detalhista os dramas psicológicos sofridos pelo autor do homicídio, toda a sua saga, sofrimento e arrependimento. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, *Dom Casmurro*. Erechim: Edelbra, 1997, *Quincas Borba*. 15. ed. São Paulo: Atica, 1998 e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista*. 32. ed. São Paulo: Ática, 1999, que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. (Nota da *IHU On-Line*)

O romance como arena polifônica

Entrevista com Paulo Venturelli

Respondendo por e-mail à questão sobre por que alguns críticos acusam Dostoiévski de ser prolixo e escrever mal, o pesquisador Paulo Venturelli revela com exclusividade à *IHU On-Line*: “Foi deste limbo que o resgatou Bakhtin. Dostoiévski não termina suas obras com um arremate final em que tudo fica resolvido. Pelo contrário: ele deixa as vozes pulularem no seu texto e a isso a crítica tradicional viu como mau acabamento dos seus romances. É aí que entra Bakhtin e nos faz ver, com sua percepção de linguagem, que a obra dostoiévskiana é polifônica”. De acordo com o entrevistado, “Dostoiévski deixa soltas as várias vozes em confronto, porque para ele todas têm o mesmo peso e valor e a voz do narrador é só mais uma entre tantas. Esta voz não serve para amarrar as outras sob seu comando. A voz do leitor é chamada para compor este painel dialógico e entrar no entrevero dos múltiplos planos ideológicos que são chamados para a arena do romance que é isso mesmo, uma arena, com todos os pontos de vista em disputa e em igualdade de condição.

Venturelli é professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre pela mesma instituição, com dissertação sobre o homoerotismo em João Silvério Trevisan e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), com tese sobre o homoerotismo em Adolfo Caminha e Silviano Santiago. Tem quinze livros publicados, entre infanto-juvenis, ensaios e obras para adultos. Dentre eles, destacamos: *Composições para meus amigos*. Curitiba: Editora do Autor, 1997; *O anjo rouco*. Braga: Editora Braga, 1997 E *No vale dos sentidos*. São Paulo: Editora do Brasil, s/d.

***IHU On-Line* - Quais seriam os problemas da poética de Dostoiévski, aos quais se refere Bakhtin?**

Paulo Venturelli - Basicamente naquilo que hoje vemos como inconclusibilidade, inacabamento e que a crítica tradicional via como textos toscos, porque não haveria um “burilamento” final. Ou seja, Dostoiévski não tem preocupação de encontrar um denominador comum para seus romances. Deixa todas as vozes pululando com o mesmo valor, sem que nenhuma se sobrepuje à outra. O crítico ortodoxo viu tal artifício como um

exercício de rusticidade, enquanto Bakhtin encontra aí a categoria de polifonia, quando todas as vozes em contraste têm seu espaço de exposição sem submeter-se a um único ponto de vista, nem àquele do narrador. Katerina Clark²⁸ e Michael

²⁸ **Katerina Clark**: professora de Literatura Comparada e Línguas Eslavas e diretora de Literaturas e Estudos Graduados no Departamento Esloveno na Universidade de Yale, Estados Unidos. Pesquisa a cultura russa no século XX com ênfase nas décadas de 20 e 30. Com Michael Holquist, escreveu *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

Holquist²⁹ explicam isso muito bem, no capítulo *A poética de Dostoiévski*, que faz parte da biografia que escreveram sobre Bakhtin. Eles dizem basicamente o seguinte: as relações que Bakhtin mantém com Dostoiévski alcançaram a intimidade que existe entre duplos, principalmente porque Bakhtin dedicou sua vida meditando sobre o papel do outro em relação ao *eu*. Bakhtin dedica-se a esta temática, tendo em vista Dostoiévski, começando a redigir o *Problemas da poética de Dostoiévski*³⁰ em 1920 e só publicando-o sete anos mais tarde, preocupando-o até sua morte os temas e indagações que aparecem nele. Extraíndo textos da 1.^a edição, na 2.^a edição, Bakhtin acrescenta a importante história da sátira menipéia³¹, seus pontos de contato com outras formas de literatura e a conexão com fenômenos extraliterários, como a carnavalização e outros ritos dessacralizadores. O foco de Bakhtin é com a estrutura da obra de Dostoiévski, ou seja, como este consegue levar cada personagem a falar com voz própria, sem interferência do narrador, cujo resultado é a criação de um novo gênero, o romance polifônico, com múltiplos pontos de vista, diversas vozes, cada qual recebendo o mesmo valor na tessitura da obra. Bakhtin valoriza o dialogismo, mostrando como a autoconsciência do *eu* funciona na interação humana, mesmo quando fora da literatura.

²⁹ Michael Holquist: professor do Departamento Eslavo da Universidade de Yale, Estados Unidos. É autor, junto de Katerina Clark, de *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ *Sátira menipéia*: tipo de sátira sério-cômica, inventada por Menipo, discípulo de Diógenes de Sínope, fundada no humor paródico e no relativismo cético. (Nota da *IHU On-Line*)

Personagens livres

Dostoiévski não cria escravos do narrador, mas gente livre, capaz de contradizer o próprio criador. Ivan Karamázov elabora sua filosofia em contradição com a de outros personagens, podendo cada um levantar argumentos de sua própria lavra. Os monólogos de Ivan estão recheados pela consciência do outro e sua consciência está tramada em rede com a consciência dos outros. Este é o grande feito de Dostoiévski: cria uma nova espécie de unidade, não a familiar unidade de uma idéia ou um tema únicos – a unidade está na oposição das várias vozes que são chamadas para a economia do romance. Ou como diz Bakhtin: “em cada voz podia ouvir duas vozes disputando.” Os personagens são abertos uns aos outros, daí vem a simultaneidade e a diversidade, e isso forma “um gênero novelístico fundamentalmente novo”, em que Dostoiévski é único, destruindo a monologia. E Bakhtin vê isso armado de sua teoria do discurso construída de forma original – o significado só pode nascer do diálogo: “todo pensamento dos heróis de Dostoiévski percebe a si mesmo, desde o próprio início, como uma *réplica* em um discurso não finalizado.”

Obra aberta

Outro ponto de Bakhtin que deve ser ressaltado é o conceito de que uma obra constitua algo terminado como uma unidade hermética. A obra está sempre na disputa de um diálogo, aberta à interação, sem nunca ser acabada. Para Bakhtin, o modo de Dostoiévski relacionar-se com seus personagens é mais complexo do que a visão tradicional de autoria deixa perceber. Diz Bakhtin: “o outro é profundamente ativo, mas sua atividade é de uma natureza dialógica.” O monologismo, segundo Bakhtin, é uma visão que está difundida em todos os meios de comunicação, daí a guinada copernicana de Dostoiévski com sua

polifonia. Os autores igualmente são removidos do centro do mundo textual para que se coloquem num lugar do toma-cá-dá-lá da pulsação narrativa em que os personagens apresentam suas próprias vozes, o que não quer dizer que Dostoiévski não tenha nenhum ponto de vista pessoal. Só que o dele é mais um entre a trama tensa de outras visões expostas numa obra. Por isso, as opiniões do autor/narrador não podem ser separadas da teoria bakhtiniana de discurso, no qual nunca estou livre para impor minha intenção, mas devo mediá-la por meio das intenções dos outros. Sou obrigado a entrar em diálogo com o outro. Meu ponto de vista emergirá através da interação de minhas palavras e as do outro na interação dialética e inacabada entre eles. O “sujeito” do romance de Dostoiévski não pode ser reduzido a este ou àquele tema, nem a uma determinada vida, porque este “sujeito” é “o eu dos outros, não como objeto mas como outro sujeito”, segundo a ótica de Bakhtin. Há o intercâmbio de significados de vida híbridos. Os personagens não são unidades biograficamente completas. São autoconsciências abertas em relação a outras consciências.

IHU On-Line - Como o conceito de polifonia aparece na literatura do autor russo? A profusão de personagens seria sua expressão?

Paulo Venturelli - Não é tanto a profusão de personagens que dá estofamento à polifonia, mas a profusão de pontos de vista, de vozes, numa multiplicidade equípole. Todas as vozes têm o mesmo destaque e nenhuma se sobressai à outra. Se isso acontecer, se o romance contiver muitas vozes, mas no seu final estas podem ser reduzidas a um denominador comum, quando uma visão encampa as outras, temos a monologia. Esta tem a ver com o acabamento e o tom autoritário de uma voz. Se o romance é um gênero em

formação, então a inconclusibilidade, o não-burilamento final das vozes dispersas lhe são inerentes. Os personagens aí estão circunscritos numa evolução sem fim. O acabamento, por sua vez, dilui os universos particulares dos personagens, submetendo-os ao tom que o autor/narrador deseja imprimir em seu romance. A multiplicidade equípole das vozes é uma representação da inconclusibilidade da vida ideológica, bem como da vida cultural e social as quais os personagens estão circunscritos num universo em aberto. De acordo com Bakhtin, no monologismo, o narrador é autocentrado, sendo o centro irradiador da consciência. Não há a realidade da consciência responsiva do outro. O narrador detém a última palavra. Se o capitalismo reduz o indivíduo à situação de objeto, o monologismo faz a mesma coisa, em vista do que, por trás desta concepção germina a teoria de Marx³² sobre a reificação do homem.

Autoconsciência do personagem

No plano polifônico, a autoconsciência do personagem é um dado incisivo na representação de sua imagem. O que leva o narrador a uma posição nova no trabalho com os personagens, já que o enfoque no homem leva-o a vê-lo como um sistema em aberto, em construção, sem submeter-se a nenhuma voz fora dele, mas dialogando intensamente com esta voz. Não é mais objeto, mas senhor de sua fala e de sua visão e de suas diretrizes.

³² **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da **IHU On-Line**)

Imagine-se o romance como um grande coral de vozes díspares e o narrador como um regente destas vozes, dando o mesmo espaço e o mesmo valor a todas, uma interação sempre em aberto, na imagem didática de Paulo Bezerra³³. No extrato polifônico, o narrador não cinzela seus personagens, porque é dado a cada um mostrar a que veio, revelar seu caráter e a sua visão, e isso se faz por meio do diálogo de um com o outro. O narrador não é porta-voz dos personagens, enquanto estes podem ser do autor, mas como um ponto de vista a mais entre os tantos disseminados no romance. Segundo Carlos Alberto Faraco³⁴, em *Linguagem & Diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*, na polifonia este autor “parece estar defendendo(...) a utopia de um mundo polifônico, no qual a multiplicidade de vozes plenevalentes e de consciências independentes e não fundíveis tem direito de cidadania – vozes e consciências que circulam e interagem num diálogo infinito.” Por isso, ainda nas palavras de Faraco, “polifonia não pode (...) ser confundido com heteroglossia ou plurivocidade que são termos utilizados por Bakhtin para designar a realidade heterogênea da linguagem quando vista pelo ângulo da multiplicidade de línguas sociais (‘o plurilingüismo real’).”

IHU On-Line – É possível verificar influências hegelianas na dialética polifônica proposta por Bakhtin? Como?

³³ **Paulo Bezerra**: historiador e filólogo brasileiro, tradutor de Dostoiévski do russo para o português, diretamente. Confira nesta edição a entrevista *Os desafios da tradução direta*, concedida por Bezerra à *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ **Carlos Alberto Faraco**: pesquisador brasileiro, professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e autor de *Linguagem & Diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

Paulo Venturelli – Não é tarefa das mais fáceis estabelecer conexões entre Hegel³⁵, idealista, e Bakhtin, um pensador dialético. Como Hegel é o mais idealista e especular dos filósofos, foi também um inspirador e teórico de uma maneira original de pensar, tangendo a dialética. Talvez aí haja um ponto de contato entre os dois. Afastando-se do tédio que nasce da uniformidade, conforme nos informa Denis Huisman³⁶, Hegel reúne numa visão sintética as experiências, os conhecimentos, as mais diversas reflexões. Bakhtin é um pensador inquieto, que se debruça sobre os mais diferentes temas, tanto que os especialistas sentem dificuldade em classificá-lo. Um filósofo da linguagem? Um semiótico? Um teórico da literatura? Hegel não recusa a ira aos jornais, uma espécie de “prece matinal moderna”, como fonte alimentadora do seu pensamento. Enquanto Bakhtin especula sobre o prosaico em confronto com o poético, mostrando como aquele tem a ver com a praça pública, por isso aberto dialogicamente, enquanto este se fecha para a dialogia, quando o poeta faz da língua uma espécie de fetiche, ignorando o trânsito social da mesma, a relação eu-outro.

Consciência e ideologia

Na maior parte de suas obras, mas de maneira mais contundente em *Fenomenologia do espírito*, Hegel descreve com detalhes as etapas da

³⁵ **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **Denis Huisman**: filósofo, célebre comentador da obra de Descartes, e autor de *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 e *História do existencialismo*. Santa Catarina: EDUSC, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

evolução da consciência, desde o seu aprendizado e de sua iniciação. A consciência é um tema central na obra de Bakhtin, especialmente em *Marxismo e filosofia da linguagem*, quando diz que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” E mais adiante: “a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante encarnação material em signos.” E, “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos.” Mas Bakhtin firma posição convincente na seguinte passagem: “a única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica. A consciência não pode derivar diretamente da natureza (...). A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada.” Tal materialismo se opõe de frente às concepções idealistas de Hegel, principalmente porque sua filosofia implica o desaparecimento do indivíduo por trás de uma obra que é de todos. Para Bakhtin, o autor não desaparece, ele é problematizado na relação dialógica com os outros, não será mais uma entidade isolada e autônoma, escrevendo sob pulsões individuais e na polifonia sua voz é chamada para interagir com a multidão de outras vozes que vêm do campo social,

criando uma rede de referências que não tem um núcleo gerador, uma diretriz que comande as vozes com que ele trabalhe. Por isso, no meu entender, fica quase impraticável ver influência hegeliana na utopia polifônica de Bakhtin.

IHU On-Line - De que forma o conceito de polifonia influencia na reflexão literária atual? Qual é sua atualidade para a literatura do século XXI?

Paulo Venturelli – Como diz Faraco no estudo referido, a polifonia é muito mais uma categoria filosófica do que literária. E para Bakhtin, o único autor que trabalhou dentro desta estratégia arquitetônica e de visão de mundo foi Dostoiévski. Então, não acredito no conceito de polifonia influenciando na reflexão literária atual. Só nas más leituras. Tem muita gente vendo polifonia na obra de Machado. Mas desta podemos tirar uma conclusão de que o que impera em seus escritos é uma visão negativa do homem, a multidão de vozes que ele traz para sua obra é unificada nesta visão, afunila-se para este denominador comum. Isso é monologia, não polifonia. O que traz rendimento para a crítica atual, creio que é essencialmente a noção dialógica da escrita. Um autor, ao escrever, não está sozinho e não o faz por uma espécie de bênção ou inspiração dos deuses. Ele está inserido numa série, como diz Bakhtin, e cria uma teia entre seu trabalho e os que o precederam e os que o sucederam. Nenhuma obra é criada no vácuo idealista da genialidade, que é um conceito romântico. O autor é um sintetizador de muitas vozes com a sua. Ou, como diz Michel Schneider: “o grau zero da escritura não existe e talvez jamais tenha existido. A literatura é sempre de segundo grau, não em relação à vida ou à realidade social de que ela seria *Mimésis* (Auerbach), mas em relação a ela mesma (...)”. Ou ainda nos trilhos do mesmo autor: “a história da literatura é a história das repetições, do já escrito. A ilusão de

quem escreve não consiste em dizer a si mesmo que se é o primeiro a quem isso acontece, este sofrimento, esta calma, este êxtase, esta insuportável fragrância de amor, que se é o único a poder falar disso, e de se aperceber, caçador desembragado pelo olhar pousado sobre o bicho morto, que tudo o que fez foi levantar uma lebre que muitos outros já tinham matado?”

Esta é uma outra forma de se falar na dialogia, que é o entrançado de vozes a que responde um autor. Para Bakhtin, não há um primeiro a escrever X ou Y, só o Adão mítico. Então os livros têm intrincadas relações entre si e cabe ao leitor, cabe à crítica, descobrir quais são os condutos entre uma obra e outra. Isso é ler e criticar. *A metamorfose*, de Kafka³⁷, não vem do nada. Tem liames com *Apuleio* e *O asno de outro*, com Luciano de Samósata³⁸ e Lúcio, o asno, com *As metamorfoses*, de Virgílio³⁹ entre outros, como terá relação com romances que o sucederam, desde *O seio*, de Philip Roth⁴⁰, até *A metamorfose*, de nosso Haroldo

³⁷ **Franz Kafka** (1883-1924): escritor checo, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Luciano de Samósata** (125 - 181 d. C.): escritor cujo apogeu de sua atividade deu-se entre 161 e 180, durante o reinado de Marco Aurélio. De origem possivelmente semita, Luciano escreveu em grego e se tornou conhecido notadamente pelos diálogos satíricos. Satirizou e criticou acidamente os costumes e a sociedade da época e exerceu, a partir da Renascença, significativa influência em escritores ocidentais do porte de Erasmo, Rabelais, Quevedo, Swift, Voltaire e Machado de Assis. A ele foram atribuídas mais de 80 obras, conhecidas em conjunto por *corpus lucianum* ("coleção luciânica"), dentre as quais pelo menos uma dezena é apócrifa. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Publius Vergilius Maro** (70 a. C - 19 a. C): mais conhecido como Virgílio, é um poeta romano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ **Philip Roth** (1933): novelista norte-americano. (Nota da *IHU On-Line*)

Bruno⁴¹, só para citar algumas ramificações desta rede sem centro, inconclusa e sempre se retroalimentando. Esta concepção pode trazer uma revolução na arte de escrever e na arte de ler, afinal, como diz Antonio Gómez-Moriana⁴²: “a literatura é uma confrontação dialética de discursos”.

***IHU On-Line* - Alguns críticos acusam Dostoiévski de ser prolixo e escrever mal. Como o senhor definiria o estilo de Dostoiévski?**

Paulo Venturelli - Esta é a crítica mais comum a Dostoiévski. E foi deste limbo que o resgatou Bakhtin. Conforme já dissemos acima, Dostoiévski não termina suas obras com um arremate final em que tudo fica resolvido. Pelo contrário, ele deixa as vozes pulularem no seu texto e a isso a crítica tradicional viu como mau acabamento dos seus romances. E aí entra Bakhtin e nos faz ver, com sua percepção de linguagem, que a obra dostoiévskiana é polifônica, segundo já afirmamos. Dostoiévski deixa soltas as várias vozes em confronto, porque para ele todas têm o mesmo peso e valor e a voz do narrador é só mais uma entre tantas. Esta voz não serve para amarrar as outras sob seu comando. A voz do leitor é chamada para compor este painel dialógico e entrar no entrevero dos múltiplos planos ideológicos que são chamados para a arena do romance que é isso mesmo, uma arena, com todos os pontos de vista em disputa e em igualdade de condição.

***IHU On-Line* - Por que para Dostoiévski e Bakhtin a única forma de se conhecer uma pessoa é deixá-la narrar-se?**

⁴¹ **Haroldo Bruno**: escritor brasileiro. De suas obras, a mais famosa é *A metamorfose*, publicada em 1975. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Antonio Gomez-Moriana**: professor emérito de Literatura Comparada do Departamento de Humanidades da Royal Society of Canada at Simon Fraser University. (Nota da *IHU On-Line*)

Paulo Venturelli – Quando uma pessoa se narra, ela expõe um ponto de vista no qual estão confragidas, refratadas todas as vozes que a compõem. Uma pessoa não fala de moto próprio. Ela é uma sintetizadora inacabada de tudo o que a constituiu durante a vida, neste labirinto babélico em que nos enfronhamos desde que nascemos. Ou, nas pegadas de Bakhtin: – “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja, a luta de classes.” E Bakhtin complementa: “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se

posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se (...).”

Por isso se conhece uma pessoa, quando ela se narra, porque ela não se subtrai das tensões sociais por meio do seu discurso. Pelo contrário, entra em confronto direto com outros discursos, e isso faz da língua um organismo vivo e da mente algo que torna o objetivo do mundo em dado subjetivo e vice-versa, os dados subjetivos, quando expostos, são objetificados, em nome do que não podemos mais falar de subjetividades autônomas, mas de intersubjetividades em confronto constante. Para terminar com Bakhtin: “as relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, tanto as formas quanto os temas dos atos de fala se revelam como sendo as condições, as formas e os tipos de comunicação verbal.”

A epilepsia e a literatura dostoiévskiana

Entrevista com Leonardo Cruz de Souza



Inspirada no artigo do médico neurologista Leonardo Cruz de Souza, intitulado *Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin (O Idiota, Fiódor Dostoiévski) e a síndrome de personalidade interictal na epilepsia do lobo temporal*, publicado na revista *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, publicação oficial da Academia Brasileira de Neurologia, disponível no sítio www.scielo.br, a redação da **IHU On-Line** convidou-o a dar a entrevista que segue. Nela, Souza disse que “a biografia e a obra dostoiévskiana contribuem para desmistificar e desestigmatizar o universo do epilético. Nesse aspecto,

podemos dizer que Dostoiévski é um ator na revolução que começa no século XIX, o momento histórico em que, a partir de Philippe Pinel, a neuropsiquiatria emerge e ganha força”. E continua: “Dostoiévski é um testemunho de que o epilético não é um inválido que fica à margem da sociedade. Pelo contrário, é um dos fundadores do romance moderno, um gênio absoluto da literatura universal”, ao lado de personalidades como Flaubert e Machado de Assis. Mas Souza alerta que seria minimizar a “grandeza dos seus romances, se os lêssemos apenas com o interesse das neurociências”.

Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Souza é especialista em Neurologia pelo Hospital Madre Teresa, de Belo Horizonte. É diplomado em neuropsicologia clínica pela Universidade Paris VI, em Paris, França. Realiza estágio no Centro de Neuropsicologia e de Linguagem do Hospital de La Pitié-Salpêtrière, Paris, desde 2005. Atualmente, cursa uma pós-graduação em Neurociências na Universidade Paris VI.

IHU On-Line - Poderia explicar quais são as razões que tornam a obra de Dostoiévski de "importância especial para neurologistas e epileptologistas"? Acredita que a literatura de Dostoiévski auxiliou o Ocidente a ter outra visão sobre a epilepsia? Qual foi o panorama do

qual Dostoiévski se apropriou em suas obras sobre o estigma da epilepsia que vigia até o século XIX? Leonardo Cruz de Souza - Poucas doenças têm um histórico de estigmatização tão grande quanto a epilepsia. Os epiléticos sempre foram –

e, em certa medida, continuam sendo – vistos de modo negativo. De possessos a santos, de loucos a mentecaptos, a visão do epilético foi e é profundamente distorcida e equivocada. Na Antigüidade, por exemplo, os epiléticos sofriam trepanações

(procedimento neurocirúrgico que consiste em “fazer furos no crânio”) para que os maus espíritos saíssem e a pessoa deixasse de ser “atormentada”. Essa visão do doente como alguém possuído por entidades malignas também encontra ressonância em várias passagens bíblicas.

A biografia e a obra dostoiveskiana contribuem para desmistificar e desestigmatizar o universo do epilético. Nesse aspecto, podemos dizer que Dostoiévski é um ator na revolução que começa no século XIX, o momento histórico em que, a partir de Philippe Pinel⁴³, a neuropsiquiatria emerge e ganha força, reivindicando para si o tratamento e o estudo dos alienados e dos loucos – aqui incluídos esquizofrênicos, dementes e epiléticos –, antes enclausurados em sanatórios ou tratados por religiosos com práticas exorcistas. Por isso, Dostoiévski é tão importante para neurologistas e epileptologistas, assim como para psiquiatras. Em *O Idiota*, o personagem principal é epilético, mas ele não é nem louco, nem endemoniado. É uma personalidade ímpar que, a despeito de sua doença, transforma, com sua natureza humanista, o vil e leviano círculo social em que se encontra, a Rússia czarista.

Dostoiévski é um testemunho de que o epilético não é um inválido que fica à

⁴³ **Philippe Pinel** (1745-1826): médico francês, considerado por muitos o pai da psiquiatria. Notabilizou-se por ter considerado que os seres humanos que sofriam de perturbações mentais eram doentes e que, ao contrário do que acontecia na época, deviam ser tratados como doentes e não de forma violenta. Foi o primeiro médico a tentar descrever e classificar algumas perturbações mentais. (Nota da *IHU On-Line*)

margem da sociedade. Pelo contrário, é um dos fundadores do romance moderno, um gênio absoluto da literatura universal. Nesse aspecto, o escritor russo se soma a Van Gogh⁴⁴, a Flaubert⁴⁵, a Machado de Assis e a outros artistas que, mesmo acometidos por uma séria doença neurológica, legaram o brilho de seu talento e de sua inteligência à humanidade.

Em um aspecto mais restrito, que interessa particularmente aos epileptologistas, Dostoiévski contribuiu de maneira importante para a concepção de aura do prazer (sensação prazerosa que acometeria certos pacientes com epilepsia do lobo temporal imediatamente antes da crise propriamente dita). Esse é um conceito que continua sendo debatido e estudado por vários estudiosos das epilepsias.

***IHU On-Line* – Por que a personalidade do Príncipe Míchkin guarda numerosas intersecções com a proposta sindrômica de Geshwind? O que é essa síndrome? Era a mesma da qual Dostoiévski era portador?**

⁴⁴ **Vincent Willem Van Gogh** (1853-1890): pintor neerlandês, considerado o maior de todos os tempos desde Rembrandt, apesar de durante a sua vida ter sido marginalizado pela sociedade. Sua influência no expressionismo, fauvismo e abstracionismo foi notória e pode ser reconhecida em variadas frentes da arte do século XX. Van Gogh foi mesmo pioneiro na ligação das tendências impressionistas com as aspirações modernistas. Hoje em dia várias das suas pinturas, entre elas *Doze girassóis numa jarra*, *A casa amarela*, *Quarto em Arles*, *Os comedores de batatas* e *Auto-retrato* encontram-se entre os objectos mais caros do mundo, sendo superados apenas por Pablo Picasso. Era portador de epilepsia e também de distúrbio bipolar (psicose maníaco-depressiva). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Gustave Flaubert** (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary*, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. Era portador de epilepsia. (Nota da *IHU On-Line*)

Leonardo Cruz de Souza - Geshwind⁴⁶ e Maxman propuseram que certas características de personalidade seriam mais comuns em pacientes com epilepsia do lobo temporal, constituindo a então chamada síndrome de personalidade interictal. Entre os traços de caráter que compõem a síndrome, há características como hiper-religiosidade, “viscosidade” interpessoal, hipermoralismo, hipossexualidade, emocionalidade, melancolia, hipergrafia (tendência a escrever compulsivamente), interesses filosóficos e sentimento exacerbado de culpa. O príncipe Míchkin reúne vários desses traços, o que nos permitiria dizer que ele é um exemplo literário da síndrome de personalidade interictal, proposta por Geshwind e Maxman. Entre os elementos mais nítidos, poderíamos citar seu contínuo e demasiadamente forte sentimento de culpa pessoal. As reações de Míchkin são também sempre emocionalmente intensas (emocionalidade); suas relações com os outros são pontuadas por uma aderência quase que dependente e passiva (viscosidade). O fervor e a obsessão religiosa (hiper-religiosidade) são marcantes nele. Nas suas conversas, sobressai seu interesse por temas filosóficos. Esses são alguns exemplos de características do temperamento de Míchkin que o enquadrariam dentro da proposta de Geshwind-Maxman. Dostoiévski, por sua vez, também apresentava vários elementos de personalidade que o aproximam da síndrome de personalidade interictal da epilepsia do lobo temporal, como o humor melancólico, a hiper-religiosidade, o interesse por assuntos filosóficos, a hipergrafia, o comportamento obsessivo e a emocionalidade. Por isso, muitos autores não hesitam em classificar

⁴⁶ **Norman Geshwind** (1926-1984): neurologista norte-americano, cujas principais áreas de interesse eram a epilepsia e a afasia. (Nota da *IHU On-Line*)

Dostoiévski como um exemplo bem-acabado de “personalidade temporal”.

IHU On-Line - Quais são os traços mais marcantes da doença que Dostoiévski transportou para sua obra? O Idiota seria, até certo ponto, um livro autobiográfico?

Leonardo Cruz de Souza – Sem dúvida, *O Idiota* tem forte conteúdo autobiográfico, bem como outros romances do autor, tal como *O Jogador*. Dostoiévski usou muitas de suas próprias características pessoais para compor o personagem Míchkin e, assim sendo, ambos compartilham semelhanças de personalidade, como a hiper-religiosidade, o interesse por temas filosóficos, a culpa, o humor melancólico. Além disso, algumas passagens referem-se a experiências efetivamente vividas por Dostoiévski. A mais marcante, sem dúvida, é aquela em que Míchkin discorre sobre os pensamentos e as emoções de um condenado à morte nos instantes que antecedem à sua execução. Dostoiévski claramente fala ali de um dos momentos mais contundentes de sua biografia: a cena de execução descrita foi aquela experimentada pelo escritor russo ao ser condenado por conspiração contra o czar (pena que foi suspensa nos instantes finais, após o que o romancista foi enviado a uma prisão na Sibéria). Outra passagem do livro que nos remete à biografia de Dostoiévski é aquela em que é relatado o fascínio de Míchkin pelo quadro *O Cristo Morto*, de Hans Holbein⁴⁷, em um museu de Genebra. Esse evento ocorreu com Dostoiévski quando ele visitou a cidade. Aliás, o Dr. Edson José Amâncio, da Escola Paulista de Medicina, recentemente publicou um

⁴⁷ **Hans Holbein** (1497-1543): pintor alemão, conhecido como Hans Holbein, o Jovem. Uma de suas obras mais conhecidas é *O Cristo morto*, datada de 1521. (Nota da *IHU On-Line*)

belo artigo⁴⁸ em que aborda especificamente esse episódio, que seria exemplar da síndrome de Stendhal, que é caracterizada pela forte reação emocional diante da contemplação de obras de arte.

***IHU On-Line* – Há registros das causas da epilepsia de Dostoiévski? Quando ela surgiu?**

Leonardo Cruz de Souza – A epilepsia de Dostoiévski é um tema que gera uma discussão acalorada entre epileptologistas. Convém ressaltar que a doença marcou a vida não apenas do escritor russo, mas também de outras pessoas da sua família, como seu pai e seu filho, que veio a falecer em uma condição hoje denominada *status epilepticus*, que se caracteriza por crises epiléticas que se sucedem sem intervalo e sem interrupção. Não há consenso sobre quando Dostoiévski teria tido sua primeira crise. Alguns biógrafos advogam que a epilepsia teria aparecido já na infância; outros defendem que ela se teria manifestado pela primeira vez apenas na adolescência. Segundo os trabalhos de Gastaut⁴⁹, um importante estudioso das epilepsias e da biografia de Dostoiévski, o escritor teria tido cerca de 400 crises epiléticas em quatro décadas.

Causas da epilepsia de Dostoiévski

A causa da epilepsia do escritor também é um tema bastante discutido, embora muitos autores concordem que havia nele uma forte predisposição genética à doença, como atesta o fato de que tanto seu pai quanto seu filho terem sofrido da doença. Acredita-se também que o romancista teria uma lesão na região do lobo temporal, o que poderia explicar suas célebres “auras de prazer” e também seus transtornos de personalidade. Há,

⁴⁸ Para detalhes, conferir o artigo *Dostoevsky and Stendhal's Syndrome*. Arq Neuropsiquiatr 2005; 63 (4): 1009-1103 (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ Henri Gastaut (1915-1995): neurologista francês. (Nota da *IHU On-Line*)

ainda, elementos na biografia de Dostoiévski que poderiam deflagrar e exacerbar as crises, como, por exemplo, o seu irregular regime de sono, o uso do álcool e as excessivas preocupações financeiras e familiares. Até mesmo Freud interessou-se pelo assunto e chegou a defender que o autor não teria crises epiléticas, mas histéricas. Isso porque Dostoiévski teria desejado durante muitos anos a morte do pai, uma figura opressora e dominadora. Quando o pai falece, assassinado por trabalhadores de sua propriedade rural, um processo psíquico de autopunição teria sido deflagrado, redundando na doença que o acompanhou por toda a vida.

***IHU On-Line* – Gostaria de acrescentar mais algum aspecto não questionado?**

Leonardo Cruz de Souza – Gostaria de ressaltar que, certamente, Dostoiévski não escreveu para neurologistas e epileptologistas e que a epilepsia e a personalidade do epilético são temas (muito) menores dentro da vasta obra desse genial escritor. Seria mesmo minimizar a grandeza dos seus romances, se os lêssemos apenas com o interesse das neurociências. Como a obra de todo grande autor, reflexões de diversas naturezas podem ser suscitadas com base na leitura de Dostoiévski, que é tema de discussão de filósofos, de teólogos, de historiadores, de críticos literários, de psicólogos... E, mesmo para mim, que sou interessado na neuropsicologia do comportamento e da cognição, fui primeiramente atraído pelo escritor não pela caracterização da epilepsia e do epilético, mas pela excelência na descrição psicológica dos personagens e pelas reflexões filosóficas que Dostoiévski faz em seus livros. Enfim, cada leitor encontra um aspecto que lhe seduz e o convida a entrar e a explorar o extraordinário universo dostoiévskiano.

Dostoiévski chorou com Hegel

Traduzimos o artigo escrito por Monika Zgustova, originalmente publicado no jornal *El País* em 22-07-2006, sobre o livro *Dostoyevski lee a Hegel en Siberia y rompe a llorar*. Dalaxia Gutenberg, Barcelona, 2006, de autoria do teórico da arte, filólogo e ensaísta húngaro László Földényi. Contemplado em 1996 com o Prêmio de Literatura Kosztolányi, oferecido pela Fundación Soros Nueva York-Budapest, Földényi escreve sobre o período correspondente aos dez anos em que Dostoiévski cumpriu trabalhos forçados na Sibéria. O autor russo leu a afirmação de Hegel de que a Sibéria estava fora do âmbito da história, e isso levou-o a sentir-se confinado a uma não existência. Assim, a obra de Földényi analisa as reações de Dostoiévski às idéias do filósofo idealista alemão.

Após o simulacro de sua execução, no Natal de 1849, Dostoiévski abandonou São Petersburgo, condenado a trabalhos forçados na Sibéria. E, quando cruzou os Urais, essa fronteira entre a Europa e a Ásia, embora desolado, por ter deixado atrás de si não só sua cidade, senão também a Europa, ele pressentiu o enigma que é a Sibéria e o grave e misterioso destino que ali o aguardava.

E assim foi: após quatro anos de trabalhos forçados, o escritor russo foi destinado como soldado raso a Semipalatinsk, povoado siberiano rodeado de um árido deserto de areia e abrolhos. Ali se pôs a ler, entre outros filósofos, Hegel. Enquanto milhares de pessoas iam chegando, desterradas, à Sibéria, o filósofo alemão, que então dava aulas de História Universal na Universidade de Berlim, escreveu: “A Sibéria se acha fora do âmbito de nosso estudo. As características do país não lhe permitem ser um cenário para a cultura histórica, nem criar uma forma própria na história universal”. Ao ler estas linhas,

Dostoiévski ficou dolorosamente assombrado. Agora sabia: a Europa não se interessava em absoluto por ele, nem por sua dor no desterro. A Europa o expulsava da história, essa Europa por cujas idéias havia sido condenado a trabalhos forçados na Sibéria. Desde esse momento Dostoiévski se sentiu confinado à não-existência.

É este o eixo sobre o qual gravita o pequeno livro *Dostoiévski lê Hegel e desata a chorar*, do ensaísta húngaro László Földényi, autor de *O sudário da Verônica* e *Melancolia*, entre outros textos. Segundo Földényi, é bem possível que, justamente quando Dostoiévski se deu conta de que havia sido afastado da história pela qual suportara todas aquelas perseguições, nasceu nele a convicção de que a vida possui certas dimensões que não cabem na história e em sua racionalidade, e chegou à conclusão de que a história manifesta sua essência a quem antes excluiu. Mais tarde, Dostoiévski diz, numa carta a um amigo: “Foi uma grande felicidade para mim: a

Sibéria e os trabalhos forçados! Dizem que aquilo é terrível e humilhante, fala-se de uma indignação justificada... e haja estupidez! Somente ali comecei a viver de maneira feliz e saudável, somente ali compreendi a mim mesmo... a Cristo... ao homem russo. Meus melhores pensamentos surgiram naquela época. Oxalá levassem você aos trabalhos forçados!" Na Sibéria, Dostoiévski aprendeu a salvação pessoal através do inferno: ao seu juízo, a salvação pessoal não é concebível sem a experiência do inferno. Ademais, na Sibéria, Dostoiévski se convence de que a transcendência é imprescindível para o ser humano e começa a ver o mundo nessa perspectiva.

O húngaro analisa, além disso, o pensamento de Hegel e sua concepção da história que, sacralizando a razão, despoja o ser humano da transcendência, tão cara a Dostoiévski. Segundo Földényi, Hegel obedeceu a uma das leis fundamentais da civilização moderna: marginalizar o sofrimento, embora essa marginalização só possa ser levada a cabo

ao preço de sofrimentos ainda maiores. E, seguindo as conseqüências desse pensamento, o autor chega à conclusão de que os grandes crimes do século XX foram cometidos em nome da ideologia da salvação, invocando o bem-estar da maioria, para evitar à maioria qualquer vestígio de sofrimento.

Em nenhum momento, Földényi idealiza o desterro de Dostoiévski na Sibéria, sabendo que se tratava de um verdadeiro inferno, com todos os seus horrores. O que, sim, recalca, é o fato de que alguém pode viver como salvação o poder afastar-se da história e de sua cinzenta racionalidade, precipitar-se nas profundezas, para logo alçar-se à maior altura. Este breve e magnífico ensaio, é um elogio da transcendência no mais amplo sentido. É um texto imprescindível, não só para os estudiosos da obra de Dostoiévski e de Hegel, senão para todos os interessados na reflexão sobre a Europa do século XX, como resultado dos debates formulados anteriormente.

A globalização e a inserção subordinada do Brasil

Entrevista especial com Pedro Cunca

Pedro Cunca é doutor em planejamento urbano e regional e professor do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio. Cunca proferiu a conferência Globalização. Mito ou conceito? no 1º Ciclo de Palestras de Relações Internacionais promovido pelo IRI, no Rio de Janeiro, no dia 30 de agosto de 2006.

IHU On-Line entrevistou Cunca, por telefone, sobre globalização, política brasileira e voto nulo. O professor da universidade carioca não deixou de mencionar as eleições de outubro e comentar a possibilidade de um segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Além disso, falou sobre os movimentos sociais, Mercosul e sobre seu trabalho. A versão integral da entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* da página do IHU dia 7-9-2006.

IHU On-Line* - O senhor poderia falar sobre o tema da conferência que ministrou em agosto deste ano, intitulada *Globalização. Mito ou Conceito?

Pedro Cunca - Na realidade este tema é introdutório da discussão sobre relações internacionais e sobre a abordagem dos fenômenos contemporâneos, de onde partimos da visão comum de que se criou em torno do tema da globalização uma espécie de palavra guarda-chuva. Essa palavra, que vem da idéia da proximidade pela via da comunicação, que aproxima as relações humanas, traz a possibilidade, portanto, da diminuição das distâncias, a possibilidade de que o processo, a longa distância, afete os sujeitos. Também há o senso comum que vem da conexão financeira, ligada também à dinâmica das grandes empresas e corporações, ou seja, essa dinâmica é que caracteriza o traçado

dominante da globalização como um momento inteiramente novo e, de certa forma, é daí que vêm as críticas. Em outras palavras, a busca do conceito de globalização é exatamente tentar desvendar desses elementos contemporâneos o que efetivamente temos de novidade. É uma tentativa de conceituar, de encontrar um quadro de análise crítica e sistemática, que permita pensar os processos contemporâneos ligados a muitas dinâmicas: a dinâmica corporativa, a dinâmica dos estados nacionais, a dinâmica financeira, a dinâmica comunicacional e informacional, as transformações que estão ocorrendo depois da reconfiguração do capitalismo contemporâneo, após a Guerra Fria e, principalmente, o quadro nesse início de século.

***IHU On-Line* - Que processo obedeceu ao**

conceito de globalização por inteiro? A informação, a economia, os governos, as pessoas?

Pedro Cunha - O conceito de globalização, entendido como via única de abertura dos mercados, traz uma interpretação neoconservadora, que deu origem ao que se chama de políticas neoliberais. Essas são as políticas de abertura comercial, que tentam fazer o atravessamento e a articulação dos mercados com base nos grandes interesses do capital autonomizado. Esses interesses criam essa lógica de descolamento do crescimento dos grandes interesses financeiros e dos interesses transnacionalizados e ainda se ligam à supremacia do discurso anglo-saxônico no plano jurídico e político, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ou seja, esse modelo, de certa forma, retoma a retórica dessa idéia liberal do fim da história. Certamente a globalização, nessa chave, é um globalitarismo, um globalismo, uma política pelo alto, que tenta de alguma maneira responder aos problemas e às estratégias que têm uma certa supremacia no mundo da acumulação ilimitada. Então, evidentemente, nós criticamos isso, mas, outra coisa é que, de fato, nós temos algumas acelerações e algumas transformações. Temos mudanças no papel dos estados nacionais, nas conexões interempresariais em rede, temos deslocamentos de poder no mundo em relação à emergência de processos novos do leste asiático, na bacia do pacífico. Nós temos uma mudança técnico-produtiva significativa nas formas e nas relações de trabalho em função da dinâmica produtiva do trabalho imaterial, do trabalho em rede, com a atividade de automação microeletrônica. Nós temos, de fato, elementos novos, que não são apenas uma aceleração de processos clássicos. Já tivemos outras mundializações. De certa

forma, os fenômenos do colonialismo, do imperialismo, já trazem historicamente as relações de sistemas mundiais, já são processo de mundialização, já vêm desde o século XVI, acentuam-se a partir dos séculos XVIII e XIX, ganham uma grande consistência no século XIX, na era do imperialismo, e adquirem características novas após 1945, sob a condução do modelo americano. Depois, ganham novas características críticas a partir da década de 1970. E ganham esse cenário que nós temos agora, a partir do final dos anos 1990.

IHU On-Line - **Trazendo um pouco a discussão para o Brasil, como o senhor acha que nosso país absorveu o conceito de globalização?**

Pedro Cunha - Em geral, o conceito de globalização aqui foi absorvido muito dentro da agenda neoliberal, neoconservadora, com uma idéia de radicalização da inserção competitiva do Brasil. Quer dizer, o Brasil leu numa chave de colonialidade, de dependência associada, apenas sobre uma lógica de interdependência, de buscar a sua conexão via mercado, de aceitar velozmente um papel na divisão internacional do trabalho, de aceitar a agenda de ser objeto para atração do capital. Ou seja, não entrou nas políticas ativas de desenvolvimento, nas políticas que nos permitissem enfrentar desafios tecnológicos, intelectuais, educativos e políticos novos. A política brasileira foi uma política de aprofundamento do padrão associado dependente, em um papel de aceitação da nova divisão internacional do trabalho, apenas acentuando os elementos orientados para exportação e prisioneiro da dinâmica financeira, em particular da estrutura da dívida.

IHU On-Line - **Entrando na questão política, como o senhor avalia a atual**

política nacional pré-eleições?

Pedro Cunha - As eleições de outubro, evidentemente, são muito menos nesse momento uma abertura de um novo ciclo, como nós tivemos em períodos anteriores (1985 a 1989, o período pós-impeachment do Fernando Collor de Mello, em 1992, o período que antecedeu ao processo constituinte). Nós tivemos vários momentos em que a eleição correspondia a uma dinâmica no País, eventualmente no mundo, em que tínhamos uma certa mobilização de forças sociais críticas, uma certa expectativa na realidade. Hoje, a eleição é prisioneira do fato de que nós não conseguimos romper com a agenda neoliberal, não conseguimos propor uma alternativa redistributiva e mais transformadora, mais forte. Por sua vez, a retórica, tanto da situação quanto da oposição, é prisioneira de alguns dilemas: dos problemas de representação e dos fenômenos mórbidos da corrupção. No entanto, ela não pega nos aspectos centrais. Quer dizer, o País é um pouco silenciado, e aqui eu falo dos sanguessugas. Ao mesmo tempo, o governo é ambivalente. De um lado, ele fez algumas ações redistributivas de aumento de salário mínimo e do Bolsa, Família, mas não avançou em outras agendas suficientes, como na questão agrária. Avançou parcialmente na agricultura familiar, mas não avançou tanto na estratégia distributiva de terra. Ele teve limitações muito grandes nas políticas universais, em particular, nas políticas ligadas à tentativa de produzir o superávit fiscal. Então, nós temos ensaios de quase projetos interessantes e temos uma limitação nas grandes políticas e reformas. E do ponto de vista macroeconômico, somos prisioneiros da ortodoxia da estabilidade. Portanto, somos prisioneiros desse mecanismo de transferência de rendas através dessa

estruturação hoje muito ligada à dívida interna.

***IHU On-Line* - Como o senhor analisa o governo Lula e um possível segundo mandato petista no Brasil?**

Pedro Cunha - Eu acredito que o segundo governo de Lula vai exigir por parte da oposição e dos elementos críticos da esquerda, posições diferentes, e do próprio governo uma definição. Do ponto de vista do governo, ele vai ter que definir: ou cai na linha do que hoje se está chamando de presidencialismo de coalizão, em que ele cede mais para os seus aliados de centro e acentua uma trajetória de centro, ou ele busca uma definição mais de centro-esquerda e de esquerda.

Para buscar um desafio mais de centro-esquerda e esquerda, ele vai depender de uma certa refundação de elementos políticos que perderam a nitidez, em função da própria estrutura de segundo mandato de eleição, ou seja, Fernando Henrique Cardoso, ao dar o golpe institucional da reeleição, acabou levando o tiro pela culatra e beneficiando Lula. Isso fez de Lula prisioneiro da reeleição para já começar o primeiro mandato na perspectiva da reprodução. Então, de certa forma, a possibilidade de o governo Lula avançar dependerá da capacidade de pressão externa de reorganização, com maior nitidez do projeto do governo e de uma lógica mais redistributiva. E do ponto de vista da oposição à direita, ela tem que conseguir se diferenciar da crítica que já é feita pela mídia, pelos formadores de opinião, pelo príncipe eletrônico. Ela teria que poder indicar nomes. Na realidade, ela não consegue construir nomes, até porque, em princípio, fica prisioneira de não ser tão importante, isto é, a direita tenta reinar pela imposição das macropolíticas, pela imposição da opinião, e com isso, se dá ao luxo de não produzir um quadro.

Parece-me muito pouco claro que aja alguém com perfil para chegar a uma vitória neste momento contra Lula, e, posteriormente, que se construa uma representação desse tipo, a não ser numa possível aliança café-com-leite, alguma coisa que venha de uma tradição de oligarquias regionais, de quadros que tentam reconstruir a representação com base nas oligarquias. Mas isso, também em São Paulo, teria que capitular para a construção de uma oposição do grande capital.

O grande risco da nossa sociedade está ligado aos grandes fenômenos dos conflitos levarem a elementos, principalmente, na questão da violência ou da tentativa de uma saída mais à direita, em função de colocar tropas na rua, sem enfrentar o grande problema de inclusão da juventude, das grandes massas precarizadas do trabalho no Brasil, sem aprofundar a renda básica, sem processo de reforma da polícia. É um cenário de reconstruções de estratégias, de muita experimentação, embora a agenda nacional e a escala dos problemas nacionais e internacionais esteja se agravando muito em função da estratégia de supremacia americana. Aqui aparece a intervenção na Colômbia, as ameaças energéticas, os problemas do futuro da economia americana. Esse é um cenário um tanto complexo quanto à perspectiva de um caminho muito tranquilo. No entanto, pode haver algum otimismo, porque a crise de representação brasileira tende a se aprofundar e vai exigir uma saída criativa de uma reforma da política, que não se pode dar no plano meramente congressual. Isso vai abrir uma discussão no Brasil, de uma nova dinâmica constituinte, mas para muitos uma nova dinâmica constituinte será para destruir os direitos da Constituição de 1988, e para outros, é para fazer avançar. E aí nós vamos ter que esperar para ver qual será

a relação de forças real e qual vai além do congresso.

IHU On-Line - O senhor percebe alguma organização dos movimentos sociais em relação às próximas eleições? O que o senhor acha deste movimento pelo voto nulo?

Pedro Cunca - Eu acredito que o movimento do voto nulo seja um pouco difuso, localizado. Ele é mais fácil de ser praticado e confundido com o abstencionismo, até porque, há discursos no processo político e no processo eleitoral de que, na realidade, ele Talvez isso levasse ao fim do voto obrigatório, o que levaria a uma reelitização da política e não a uma reconstrução da democracia mais ampla. Então, os problemas mais ligados às práticas de democracia direta, outras formas de democracia, têm avançado e tendem a ter um papel mais forte, ou não, nas eleições municipais, nas administrações locais.

O que eu vejo crescendo são duas atitudes no seio dos movimentos sociais. Os movimentos em rede, que constituem plataformas, como a plataforma da reforma urbana, plataforma ligada a temas da questão do movimento negro, do movimento de mulheres, são movimentos que têm algo a negociar com o Estado nesse momento. E há os movimentos mais cautelosos do ponto de vista de criar uma base mais antagônica de mobilização e que mantenham uma atitude de cautela com relação à conjuntura eleitoral, trabalhando mais um perfil de longo prazo, tipo MST.

Acredito que desde o PP ao PSOL, ao PSTU, ao PT, e de subcorrentes, como o PV, o leque é suficientemente grande. No entanto, a tendência nos processos mundiais tem sido de aumentar o número de abstenções nos momentos de desgaste e de esvaziamento da política.

destaques da semana

Entrevista da Semana pág. 41

Livro da Semana pág. 45

Filme da Semana pág. 49

Deu nos jornais pág. 51

Frases da Semana pág. 53

O desejo, ou a traição da felicidade

Entrevista com Slavoj Zizek

Traduzimos e reproduzimos a entrevista de Slavoj Zizek publicada na revista *Le Magazine littéraire*, julho-agosto 2006.

Slavoj Zizek, pensador à moda mais de um pensamento intempestivo, examina a questão do desejo nos dias atuais. Entre o antigo interdito ligado ao prazer e o imperativo contemporâneo do gozo, que desejo desejar?

Há muitos anos, o filósofo Slavoj Zizek procura explicar a teoria lacaniana do desejo pela análise da cultura moderna. Por ocasião da publicação de *La marionnette et le Nain. Le christianisme entre perversion et subversion*, Paris: Seuil, 2006 (A Marionete e o Anão. O cristianismo entre perversão e subversão) que propõe uma releitura provocante do cristianismo "entre perversão e subversão", quisemos interrogá-lo sobre a questão do desejo nos dias atuais. Entre ovos Kinder Surprise e café sem cafeína, nossa época sob o prisma do "pequeno objeto a", do Superego e do "Grande Outro".

Como você se situa em relação à idéia de que nós vivemos numa sociedade em que a maioria de nossos desejos seriam alienados?

Slavoj Zizek - É preciso ser prudente. Toda a temática dos anos 1960, em torno da crítica da "sociedade de consumo", tem sido que nos oferecem pequenas satisfações, pequenos momentos de felicidade, prazeres bobos para nos privar dos "verdadeiros" desejos. Eu creio que esta é uma fórmula demasiado ingênua. Em *La Marionette et le Nain*, eu falo a respeito dos ovos Kinder Surprise. A maioria das crianças compra ovos Kinder pela surpresa. Eles nem sempre se dão o tempo de comer o chocolate. Trata-se de uma lógica do desejo, e não do consumo. Os ovos Kinder são o modelo de todos esses produtos que nos prometem

alguma coisa "a mais" do que aquilo que poderíamos consumir, como essas embalagens em que está escrito: "Numerosos prêmios a ganhar no interior". É preciso, pois, resguardar-se ante uma mitologia que oporia nossos "verdadeiros" desejos e uma sociedade de consumo toda ocupada em aliená-los. Tome uma certa vulgata "deleuziana" de nossos dias: ela desenvolve um modelo que repousa sobre a oposição entre a organização hierárquica, sistemática, o Estado, o "Império", e os fluxos nômades, a "multidão" dos desejos. Mas, o capitalismo atual é precisamente nômade. Por que e como se vai combatê-lo, quando se começou a esquecê-lo? É como esses feministas americanos que atacam a sociedade contemporânea, como se ela ainda repousasse sobre um

modelo de autoridade patriarcal. A estrutura subjetiva do capitalismo contemporâneo é precisamente a do sujeito nômade, sem identidade fixa. Então nem se pode dizer que é preciso combatê-lo, porque ele "reterritorializa" os fluxos, os desejos, pois a "reterritorialização" é a própria máquina que desencadeia o dinamismo. Os marxistas já tinham este sonho: manter a estrutura, mas sem o lucro, a mais-valia. Eles queriam desembaraçar-se do obstáculo, mantendo o dinamismo puro, mas eles não viram que eles perdiam o dinamismo junto com o obstáculo.

Então, não estou totalmente de acordo com esse tipo de crítica da "sociedade de consumo". O que permanece em mim, é a idéia de que a felicidade não pode ser uma categoria ética. Eu discutia recentemente com amigos espanhóis. Eles me diziam que tinham gostado muito da descrição, que eu faço em *Bienvenue dans le désert du réel - Bem-vindos ao deserto do real*, livro traduzido para o português - , da "felicidade" na Tchecoslováquia comunista dos anos 1970-1980. Todo o mundo era "feliz" naquela época: as necessidades materiais estavam satisfeitas, embora não completamente, se bem que se podia estar satisfeito com o que se possuía; tudo o que estava mal era imputado ao Outro, ao Partido; e havia também um Outro com o qual sonhar de maneira realista, pois ele não estava muito afastado, o Ocidente consumista. Segundo meus amigos, ocorria exatamente a mesma coisa na Espanha durante os dez últimos anos sob Franco. Existe mesmo uma piada espanhola para responder à questão: "Como era a vida sob Franco? - A vida sob Franco era muito agradável". Não se deveria legitimar uma mudança, dizendo que se vai trazer mais felicidade. A verdadeira mudança política consiste sempre em modificar os próprios

parâmetros daquilo que se entende por felicidade.

Isso significa que se deve deixar de ser crítico com relação a esse tipo de sociedade?

Slavoj Zizek - O que seria preciso criticar, é a própria idéia de "consumo". Será que estamos realmente numa sociedade "de consumo"? O modelo da mercadoria é hoje o café sem cafeína, a cerveja sem álcool, o creme fresco sem gordura. A meu ver, isso significa primeiro que se tem mais medo de consumir verdadeiramente. A gente quer comer, mas sem pagar o preço. Caso se queira criticar a sociedade moderna, não é preciso se agarrar a essa idéia de "consumo". Uma chave mais interessante seria a noção de "vítima". É preciso compreender como isso determina nossa noção de tolerância e nossa relação ao desejo do outro. O que quer dizer atualmente "tolerância"? É simplesmente o inverso da noção de "assédio". E, o que quer dizer "assédio"? Isso quer dizer que o Outro, como sujeito de desejos, não deve se aproximar demasiadamente de mim. Em outros termos, a tolerância é hoje exatamente a intolerância. A figura da subjetividade torna-se completamente narcisista; ela se constitui no temor da proximidade dos outros. Isso me lembra de quando Kierkegaard⁵⁰ pergunta: "Quem é o próximo que se deve amar?", e ele responde: "Aquele que está morto".

Este problema do Outro está conexo com o do interdito e de seu papel no funcionamento do desejo?

Slavoj Zizek - Sim, mas também aqui é preciso avançar, com prudência. De um lado, há hoje um problema com o fracasso das ordens simbólicas - do

⁵⁰ **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. (Nota da *IHU On-Line*)

"Grande Outro", como diz Lacan⁵¹. Isso conduz a um regime de interiorização das regras, e então, segundo Freud, a uma hipertrofia do superego. Ora, como Lacan o havia visto bem, o superego funciona como imperativo de gozo e também como interdito. A consequência paradoxal e trágica é uma corrida desenfreada ao gozo que acaba, evidentemente, na impossibilidade de gozar, pois o superego exige cada vez mais. Meus amigos psicanalistas me contam que hoje em dia o sentido de culpabilidade de seus pacientes não é mais fundado sobre o interdito, mas sobre esta injunção de gozar, "de aproveitar". Agora, as pessoas não se sentem mais culpadas, quando têm prazeres ilícitos, como antes, mas quando não são capazes de aproveitá-los, quando não chegam a gozar. Mas, de outro lado, não se deve concluir, com certos semi-lacanianos como Pierre Legendre⁵², que seja preciso restabelecer a Lei e a Ordem simbólica como espaço de transgressão. Lacan era grande inimigo do pensamento de Bataille, e isso não somente por razões puramente pessoais: o problema, a seus olhos, é que o desejo se encontra justamente, em Bataille⁵³, totalmente edificado sobre a transgressão. A psicanálise tem aqui um papel essencial a desempenhar. Todos os outros discursos adquirem a forma de injunção para gozar, para buscar a felicidade.

⁵¹ **Jacques Lacan (1901-1981):** psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² **Pierre Legendre:** É historiador estudioso da constituição das burocracias ocidentais, professor da Sorbonne (Universidade de Paris I), psicanalista discípulo de Jacques Lacan e foi membro da extinta Escola Freudiana de Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ **Laurence Bataille** (1930-1986) psicanalista. (Nota da *IHU On-Line*)

Mesmo o Dalai-Lama aderiu! A psicanálise é um discurso que não impede de gozar, mas que permite justamente *não gozar*. Você pode gozar, mas não sob a forma de uma regra, de uma interiorização "superegoica". Por isso, o pensamento freudiano é mais atual do que nunca. Diz-se hoje por toda a parte, mesmo entre pessoas favoráveis à psicanálise, que Freud está ultrapassado, que ele é filho de uma sociedade burguesa, vitoriana, fundada sobre interditos fortes, que já não têm mais sentido hoje em dia. Mas, seu problema jamais esteve na repressão ou no interdito: ele estava antes no paradoxo de uma permissão que bloqueia o gozo. Não é na atualidade que podemos desembaraçar-nos desta imagem simplista de um Freud que combate a opressão sexual. Todos os freudomarxistas inteligentes o compreenderam. Por isso, Adorno sempre criticou Reich e sua idéia de uma explosão orgástica.

Em *Bienvenue dans le désert du réel* [Bem-vindo ao deserto do real] você tem esta fórmula, da qual você diz que ela é característica do que nos ensina a psicanálise: "a traição de desejo tem um nome: a felicidade".

Slavoj Zizek - A concepção de Lacan - seu lado hegeliano e mesmo sartreano -, é que o desejo é transcendência, falta, abertura, enquanto o prazer, ou a felicidade, é equilíbrio, homeostase. Deleuze defendeu esta idéia de modo ainda mais radical, quando ele disse que o masoquismo ou o amor cortês eram a manifestação do desejo em estado puro, o desejo que não necessita de satisfação, porque ele já é, por si mesmo, sua própria satisfação. Eu desenvolvi esta idéia em *Subversion du sujet*.⁵⁴

O desejo parece, primeiramente, "patológico", ou seja, suscitado e

⁵⁴ Presses universitaires de Rennes, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

orientado pelos objetos que nos afetam. Ele não tem a dignidade de um *a priori* transcendental. A idéia que havia defendido Bernard Baas em seu belíssimo livro: *Le Désir pur*⁵⁵, é que Lacan "transcendentalizou" precisamente o desejo. É o projeto de seu célebre texto *Kant avec Sade*: mostrar que existe uma capacidade do desejo puro que não necessita de uma referência ao objeto" - o que Lacan chama de "o pequeno objeto a" (*le petit objet a* - torna-se, então, precisamente uma posição estrutural, uma espécie de objeto *a priori*. Ele serve paradoxalmente para subtrair o desejo de sua vinculação ao objeto, à sua realidade patológica. A ética do desejo é de permanecer fiel a este *a priori*. Como o diz Lacan: o desejo último é, pois, aquele da não-satisfação do desejo, o desejo de permanecer aberto.

Você não deu solução ao dilema. De um lado, tem-se, pois, o apelo a um restabelecimento da ordem simbólica, da Lei; do outro, a crítica pós-moderna, relativizando as normas e chegando a uma interiorização que finalmente bloqueia o gozo, erigindo a ele próprio em norma suprema. Mas, o que mais se poderia ter?
Slavoj Zizek - Eu creio que o próprio Lacan não encontrou a fórmula. Em Freud há uma concepção da civilização como produto do crime original. A sociedade se transforma em comunidade no crime, no assassinato do Pai. É o modelo que se encontra em *Totem e Tabu*. A questão é: existe um outro modo de socialização, além da relação a uma ordem simbólica? Este é também o problema da ética psicanalítica. Há um Lacan de quem não gosto. É aquele que diz que o fim da experiência analítica é a "travessia do fantasma", vivida como

⁵⁵ O desejo puro - *Le Désir pur. Parcours philosophiques dans les parages de Lacan*, ed. Peeters, Lovaina, 1992. (Nota da *IHU On-Line*)

experiência intensiva, excepcional. Depois, só se poderá retornar ao espaço social e simplesmente "jogar o jogo", com mais ironia. O problema, para mim, é que esta postura é precisamente aquela à qual induz o capitalismo contemporâneo. A psicanálise precisa dar-se conta que a posição antiga, na qual a sociedade carrega os interditos e o inconsciente as pulsões desregradas, está hoje invertido: é a sociedade que é hedonista, desregrada, e o inconsciente que regula.

Vê-se muito bem com o estatuto das crenças, que me interessam particularmente em *La Marionette et le Nain*: hoje se quer bem crer, mas por meio dos outros, de maneira distanciada. Conta-se esta história a propósito de Niels Bohr: um amigo que o visitava, viu presa à porta uma ferradura de cavalo. Ele lhe comunicou seu espanto em face de tal marca de superstição. E Bohr teve esta resposta: "Sem dúvida não creio nisso, mas me disseram que isso funciona *mesmo que não se creia nisso*". Para mim, este é o arquétipo da crença moderna. Todos os meus amigos judeus dizem: "Não se come carne de porco, mas, certamente não se crê nisso". Trata-se de uma crença objetivada, o que se chama hoje em dia de uma "cultura".

Isso ainda não nos dá resposta ao dilema...

Slavoj Zizek - Eu creio que o exemplo de solução foi dado pelos esforços de Lacan para fundar uma sociedade analítica. Num sentido, trata-se de um fiasco total, mas a idéia estava aí: construir um espaço social, onde não se estaria reunido apenas pela figura do Pai, do Mestre, mas pelo objeto do próprio desejo. A aposta é que o campo social não é somente um domínio de ilusões, de aparências, em que só se pode jogar o jogo - a única diferença sendo a de saber se o mesmo é levado a sério ou se é feito de maneira irônica. Será que se poderia

criar um espaço social que não tivesse necessidade de fantasma, de "significante-mestre"? Foi isso que me deu a idéia, após a leitura de Alain Badiou⁵⁶ de que se tem um exemplo desse projeto em São Paulo⁵⁷, na idéia de "comunidade dos crentes". O outro exemplo em que se pode pensar encontra-se em certos partidos revolucionários. É uma via média entre o individualismo hedonista e o retorno a um modelo autoritário. Como Badiou mostrou de um modo que me parece convincente, este tem sido precisamente o problema de Paulo. De um lado, o sistema judeu, fundado sobre a Lei; do outro, o individualismo romano. Toda a questão é a de construir a "comunidade dos crentes", como terceira possibilidade.

Eu creio que é preciso aceitar este risco, ou desafio, de que a Lei não é o último horizonte. Aqui se deve ir mais longe do que aqueles que procuram relativizar a mensagem de Paulo. Para eles, tratar-se-ia simplesmente de dizer que, quando se está no amor de Cristo, não se tem necessidade da Lei, porque se faz o que diz a Lei naturalmente. É a versão humanista. Mas, ela mascara simplesmente o lado horrível da proposição. Santo Agostinho diz: "Se tu amas Deus, tu podes fazer o que tu queres". Uma vez, ele esquece mesmo "Deus": "Ama, e podes fazer o que tu queres". É um risco, ou desafio, a enfrentar. Há um momento de suspensão do regime da Lei. Para mim, é esta a perspectiva do último Lacan.

⁵⁶ **Saint Paul, La fondation de l'universalisme**, ed. PUF, Les Essais du Collège international de philosophie, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁷ Sobre a recepção de Paulo no Ocidente e sobre o livro de Badiou, confira a edição da revista *IHU On-Line* publicada em abril deste ano e disponível na página: www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Livro da semana

As religiões no Brasil: Continuidade e rupturas

Faustino Teixeira & Renata Menezes (Orgs). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Fruto de um seminário que reuniu estudiosos(as) do campo religioso brasileiro, este livro busca apresentar algumas pistas para compreender o quadro complexo das religiões no Brasil, enfatizando os traços que marcam suas mudanças e continuidades. Temos de um lado processos de trânsito, desfiliação e desinstitucionalização, que se somam a um movimento de flexibilização, pluralização e diversificação religiosa; e de outro, a permanência e restauração de vínculos identitários, que apontam para surpreendentes processos de resistência e reavivamento religioso. As análises apresentadas indicam a presença crescente da religião no espaço público nacional e uma dinâmica inusitada de reconfiguração, composição e transformação de sua perspectiva no Brasil. O livro tem 264 páginas e foi organizado por Renata Menezes e Faustino Teixeira.

Faustino Luiz Couto Teixeira é teólogo, professor adjunto do PPCIR/UFJF, pesquisador do ISER-Assessoria do Rio de Janeiro e consultor da Capes. É pós-doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, doutor em Teologia pela mesma universidade. Entre suas obras publicadas, destacamos: *A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1987; *A gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988; *Teologia da Libertação: Novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991. Ele é organizador do livro *No limiar do mistério. Mística e Religião*. São Paulo: Paulinas, 2004. Dele publicamos um artigo na 131ª edição, de sete de março de 2005, sobre o temor do reconhecimento da alteridade, uma entrevista na 133ª edição, de 21 de março de 2005, sobre o tema *Mística comparada* e uma entrevista na 162ª edição, de 31 de outubro de 2005, sobre o livro de John Hick, *Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões*. São Paulo: Attar, 2005, entre outras muitas contribuições.

A antropóloga Renata de Castro Menezes é professora do Departamento de Sociologia e Política da Puc-Rio e pesquisadora do ISER-Assessoria. Trabalha com os temas religião e cultura, religião e sociabilidade, cultura popular, rituais e simbolismo. É coordenadora da Rede de Centros Laicos do Conesul. Graduada em História pela UFRJ, é mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Fez doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (2004), com tese sobre formas de sociabilidade, rituais e culto aos santos em um santuário católico. É co-autora de ***Reforçando a Rede de uma Igreja Missionária. Avaliação pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia***. São Paulo: Paulinas, 1997; e autora de ***A Dinâmica do Sagrado. Rituais, Sociabilidade e Santidade num Convento do Rio de Janeiro***. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

Contribuem no livro os seguintes pesquisadores e pesquisadoras:

- Antônio Flávio Pierucci - USP (dois artigos: sobre ciências sociais e religião e comentários sobre o artigo de M.Camurça sobre o Censo de 2000: cadê a nossa diversidade religiosa?)
- Marcelo Camurça - UFJF (sobre a realidade das religiões no Brasil - análise do Censo 2000)
- Cecília Mariz - UERJ (sobre o catolicismo no Brasil contemporâneo)
- Brenda Carranza - PUC-Campinas (sobre o catolicismo midiático)
- Antônio Gouvêa Mendonça - Univ. Mackenzie (sobre evangélicos e pentecostais)
- Ronaldo de Almeida - Unicamp (sobre a expansão pentecostal)
- Luiz Roberto Benedetti - PUC-Campinas (trânsito religioso)
- Regina Novaes - IFCS-UFRJ (sobre juventude e religião)
- José Guilherme Magnani - USP (circuito neo-esotérico)
- Bernardo Lewgoy - UFRGS (espiritismo kardecista)
- Patrícia Birman - UERJ (negritude, pentecostalismo e espiritualidades)
- Vagner Gonçalves da Silva - USP (neopentecostalismo e religiões afro: continuidades e rupturas)
- Emerson Giumbelli - IFCS-UFRJ (minorias religiosas)
- Paula Monteiro - USP (religião, modernidade e cultura)

O campo das religiões no Brasil

Por Pierre Sanchis

A seguir publicamos uma apreciação do livro feita por Pierre Sanchis, doutor em sociologia pela Universidade de Paris e especialista em antropologia da religião.

Um livro que não se acrescenta simplesmente a outros, na exploração do campo religioso brasileiro contemporâneo. Olhares agudos e vozes de peso. Larga abrangência dos objetos, multiplicidade de enfoques. Sobretudo, talvez, uma lição fundamental.

Sem dúvida, o livro evidencia no campo aspectos novos, que chegam a caracterizar uma mudança de civilização: a emergência central do indivíduo, a importância da emoção, a progressiva desinstitucionalização da experiência religiosa, o pluralismo das instituições – ou no seu interior, ou até no âmago das subjetividades –, o trânsito e a circulação entre instâncias, um novo esoterismo, uma neomística, a destradicionalização da própria espontaneidade, a multiplicação dos “religiosos sem religião”... Mas ele elenca também uma série de traços que bem poderiam significar permanência e restauração: uma densificação da adesão institucional, um reforço das próprias instituições, a persistente presença nuclear do cristianismo, um reavivamento, até, católico, certa retradicionalização das performances no culto, a presença crescente, enfim, da religião no espaço público.

Contradição? Coexistência paradoxal numa era de lógica disruptiva? A originalidade deste livro talvez esteja precisamente em mostrar – sem que isso

tenha sido planejado antes pelos autores ou os organizadores – que estes aspectos contraditórios vêm se articulando, mais ainda, compenetrando-se, fazendo não se tratar nem de ruptura e novidade, nem só de retorno e recuperação, nem ainda de uma simples justaposição das duas tendências. Seria até pobreza analítica contentar-se em detectar na vida religiosa contemporânea uma série de “novidades” matizadas por continuidades ou moduladas por ressurgências. A lição deste livro é mostrar que os dois pólos antagônicos da ruptura e da continuidade, longe de simplesmente se opor, se justapor ou se balancear, compõem, juntos, uma realidade diferente, cuja originalidade está exatamente no fato de que estes lances antagônicos se qualificam e se performam reciprocamente. Um não existe senão através da forma emprestada do outro.

Ao longo das brilhantes análises setoriais, levado pelos enfoques às vezes os mais inesperados, o leitor deste livro poderá assim descobrir que a singularidade do universo religioso moderno não está nem na novidade de seus componentes nem no caráter reiterativo das experiências dos seus atores, mas na tendencial transfiguração destes componentes e destas experiências, pela existência, que permeia uns e outras, de um tecido inédito de relações.

A Noiva Síria

Ficha Técnica

Nome: A Noiva Síria

Nome original: *The Syrian Bride*

Diretor: Eran Riklis

Cor filmagem: Colorida

Ano produção: 2004

Gênero: Comédia - Drama

Duração: 97 min

Classificação: livre

Sinopse: A vida de Mona está para mudar com o seu casamento. Ela nunca viu seu noivo, e quando cruzar a fronteira entre Israel e Síria, não poderá mais voltar para ver a sua família, na aldeia Majdal Shams, nas colinas de Golã, ocupada por Israel desde 1967. A vida de toda a família não será a mesma depois desse casamento.

O comentário a seguir é de Alysson Oliveira, publicado na página

www.cineweb.com.br em 15-5-2006.

Filmes sobre celebrações em família (casamentos, aniversários, Natais, Dias de Ação de Graça, etc) servem como uma boa desculpa para reunir um grupo de indivíduos – alguns ligados por laços sanguíneos – e mostrar suas semelhanças e diferenças. Sempre tem uma certa tensão no ar, seja ela interna da família, ou de um ambiente hostil em que eles precisam estar, ou até mesmo um inimigo externo. A comédia dramática israelense (co-produzida pela França e Alemanha) **A Noiva Síria** não é diferente. E reúne todos esses elementos.

Mona (Clara Khoury) vai se casar, porém isso não é motivo de alegria para ela. Não bastasse o fato de nunca ter visto seu noivo em carne e osso, ela irá cruzar a fronteira entre Israel e Síria. Assim, nunca mais poderá voltar a Majdal Shams, a aldeia drusa, nas colinas de Golã, onde

mora a sua família. Assim, nunca mais verá os pais, os irmãos, os amigos.

A ação do filme começa poucas horas antes da cerimônia, que acontecerá num checkpoint nas fronteiras de Israel e da Síria. Dos dois lados estão familiares das duas partes, e entre eles soldados, burocratas e membros da cruz vermelha. As horas que antecedem a partida de Mona são uma mistura de alegria, satisfação, tristeza e medo. A reunião da família traz à tona discussões do passado. O pai (Makram Khoury) não fala com um de seus filhos há anos, e este se casou com uma russa e traz a mulher e o filho para a casa dos pais.

A irmã mais velha de Mona, Amal, interpretada pela grande Hiam Abbas (**Free Zone, Munique**), é a que está mais empolgada com o casamento. Ela vê em

sua irmã a pessoa que ela mesma poderia ter sido. Apesar de personalidade forte, a mulher acabou ficando sob a sombra do marido, que parece nunca a ter tratado bem. Agora, ela tenta alçar vôos próprios voltando a estudar e tentando uma vaga na universidade.

Aos poucos, o diretor e a co-roteirista Suha Arraf vão delineando a verdadeira trama central de **A Noiva Síria**. Este é, na verdade, um filme sobre Amal, a irmã da noiva. É ela que domina o centro dramático e emocional da história, as coisas giram em torno dela. É essa personagem quem comanda os outros, quem dita as ações. E mesmo quando Mona parece não ter certeza se quer casar, ela vai mostrar à irmã porque é melhor se casar e ir para o outro lado da fronteira.

A certa altura, o fotógrafo e cinegrafista contratado para cobrir a cerimônia diz que 'casamento é como uma melancia, nunca se sabe o que tem dentro'. Embora a frase não faça muito sentido, ela está completamente encaixada no contexto do filme. O casamento para a Mona é um salto no escuro, onde não terá nem a proteção dos pais nem a chance de voltar para casa.

A Noiva Síria é um filme que se passa quase que todo numa terra de ninguém – física e emocional. Ao mostrar o drama que milhares de pessoas enfrentam nas fronteiras do Oriente Médio, Riklis mostra problemas locais. Quando mostra a incomunicabilidade entre membros de uma mesma família, ele aborda questões universais que independem da localização geográfica. A questão política e a emocional ganham peso e importância nessa melancólica comédia.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo algumas notícias selecionadas.

O segredo de Lula

As *Notícias Diárias* da página do IHU publicou no dia 4-9-2006, um artigo do professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP, José de Souza Martins, sobre Lula. Nas *Notícias Diárias* do dia 6-9-2006 foi publicada uma pesquisa espontânea realizada pelo Datafolha mostrando que Lula atingiu 41% das intenções de voto.

Núcleo palaciano

Muito embora tenha pedido ao PT para evitar especulações sobre a formação do novo governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comentou com colaboradores mais próximos que pretende manter o núcleo palaciano, em eventual segundo mandato. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-9-2006.

O fim

As *Notícias Diárias* da página do IHU publicou no dia 4-9-2006, um artigo do ministro da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, Tarso Genro, sobre a tese do fim da política.

Cooperação Sul-Sul

O último gesto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na sua prioridade de impulsionar a Cooperação Sul-Sul, antes das eleições de outubro de 2006, será visto no próximo 13, quando tentará selar o compromisso com o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, e o presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, de iniciar as conversas sobre um acordo de livre comércio. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-9-2006.

Rio-2016

Sobre anúncio de que o Brasil é novamente candidato a sediar a Olimpíada, agora a de 2016, confira o artigo do jornalista Juca Kfoury publicado nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-9-2006.

Saudades do PT

As *Notícias Diárias* da página do IHU publicou no dia 5-9-2006, um artigo Rubem Alves, sobre o PT.

Grito dos Excluídos

Sobre a anulação da privatização da Vale do Rio Doce, confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 7-9-2006 e 8-9-2006.

Divergência entre PSOL e PSTU

Desentendimentos entre o PSOL, de Heloísa Helena, e o PSTU, que compõe a chapa da sua candidatura, levaram ao cancelamento da divulgação do programa de governo da candidata à Presidência. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 8-9-2006.

Assembléia de Deus

Lideranças evangélicas vão pedir votos em igrejas em defesa da candidatura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à reeleição. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 8-9-2006.

Eleitorado

Levantamento inédito do Ibope com o eleitorado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nas cinco disputas nacionais de que participou, mostra uma radical mudança no perfil de seu voto. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 8-9-2006.

Apoio

Intelectuais como **Noam Chomsky**, **Michael Löwy**, **Ken Loach** e **Slavoj Žižek**, assinaram manifesto de apoio à candidatura de Heloísa Helena. Confira no dia 5-9-2006. Uma dura e acerba crítica ao manifesto foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, 10-9-2006 por Ruy Fausto, filósofo, professor emérito da USP, e por Gláucio Soares, sociólogo e pesquisador do Iuperj. Segundo ele, “esse manifesto está mais perto de um rito entre pavões machos que abrem sua cauda ideológica em época de acasalamento. Quanto mais radical, maior a cauda. Não é sério, e é irresponsável.”

Eleição e competição

As *Notícias Diárias* da página do IHU publicou no dia 6-9-2006, um artigo do antropólogo Roberto Damatta.

Volkswagen

As *Notícias Diárias* página do IHU continua repercutindo a situação da Volks. Confira nos dias 4,5,11-9-2006.

Voto nulo

”Os cidadãos que votam nulo estão radicalizando a política num momento que ela tende a desaparecer”, analisa Tales Ab’Saber, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Confira entrevista nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-9-2006.

Frases da semana

Voto nulo

"Voto nulo hoje porque sonho poder votar em gente comprometida com o desenvolvimento no futuro" - Rinaldo S. Coelho, Rio de Janeiro, RJ - *Folha de S. Paulo*, 4-9-2006.

"Sou professor universitário, pós-graduado, absolutamente consciente e informado. Por isso, não vou anular o voto. Vou me abster" - Leandro José Nunes, Uberlândia, MG - *Folha de S. Paulo*, 4-9-2006.

"Preferia que os indignados, ao invés de anular, possibilitassem uma mudança. Mas eu ainda respeito mais o voto nulo do que aqueles que estão votando na legitimação do banditismo político. Sabe que é corrupto e continua votando" - Heloísa Helena, candidata à Presidência da República pelo PSOL - *Folha de S. Paulo*, 5-9-2006.

"O anulador do voto deverá calar-se pelos próximos quatro anos. (...)Pior: até 2010 não terá o direito de indignar-se com nada" - Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor e professor na PUC-RS - *Zero Hora*, 10-9-2006.

"Eu prometo. Agora é nossa vez. Nulo neles - Adesivo de carro segundo foto publicada no jornal ABC Domingo, de São Leopoldo, RS - 10-9-2006.

"A idéia do voto nulo é de um setor com acesso à Internet. Não creio que essa campanha silenciosa tenha efeitos" - Aloísio Ruscheinsky, professor do PPG de Ciências Sociais da Unisinos - jornal ABC Domingo, de São Leopoldo, RS - 10-9-2006.

"Voto nulo não é o voto desinformado, incapaz de avaliar, desinteressado, pelo contrário, é o voto hiperinformado" - Tales Ab'Saber, psicanalista - *Folha de S. Paulo*, 3-9-2006.

"O voto nulo não é nada ingênuo" - Tales Ab'Saber, psicanalista - *Folha de S. Paulo*, 3-9-2006.

Alckmin. FHC joga a toalha?

"FH abala campanha de Alckmin. Tucanos mostram surpresa com carta do ex-presidente e dizem que crítica agora não ajuda" - manchete do jornal Globo, 9-9-2006.

"FH entrou na campanha de Alckmin. Para jogar a toalha" - Jorge Moreno, jornalista - Globo, 9-9-2006.

"A pedra de Alckmin não fez onda, afundou" - Elio Gaspari, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 10-9-2006.

Heloísa Helena

“Seu discurso (Heloísa Helena) é uma mistura de cristianismo com revolucionarismo, e, por isso mesmo, não pode assegurar uma renovação da esquerda e do país. Além de ter aspectos reacionários, a fala de Heloísa Helena, e, mais ainda, a de parte do PSOL, é uma espécie de pregação neoleninista ou, no melhor dos casos, ambígua, fundada (embora não só) na idéia errônea de que o PT fracassou pois foi ”reformista”, e não revolucionário” - Ruy Fausto, filósofo, professor emérito da USP - Folha de S. Paulo, 10-9-2006.

2010

”Petista já articula 2010 com o PMDB. Sem sucessor natural no PT, presidente pede ao partido um projeto nacional” - título do jornal *Globo*, 8-9-2006.

Bolsa Família e Plano Real

“O Bolsa Família tem para Lula a mesma importância que o Plano Real teve na eleição de Fernando Henrique em 1994” - Marcus Figueiredo, cientista político do IUPERJ - *Globo*, 10-9-2006.

Crise

”A população não está comprando, tem muito mais gente com medo de perder o emprego” - Michael Klein, diretor-superintendente das Casas Bahia - *Folha de S. Paulo*, 4-9-2006.

”Brasil tem inflação de 1º mundo e PIB de 3º” - manchete principal do jornal *Estado de S. Paulo*, 7-9-2006.

Bush x Ahmadinejad

”Bush não é nada diante de Deus” - Ahmadinejad, presidente do Irã - *Repubblica*, 7-9-2006.

”Estamos seguros que o mundo está rapidamente se encaminhando para um governo do puro Islã do Profeta Maomé” - Ahmadinejad, presidente do Irã - *Repubblica*, 7-9-2006.

”Tudo - cultura, economia, progresso - existe somente graças ao Décimo Segundo Imã” - Ahmadinejad, presidente do Irã, devoto de Mahdi, que segundo os xiitas voltará sobre a terra para trazer a paz e a justiça - *Repubblica*, -9-2006.

Pergunta que não cala

“Como se explica que em junho de 1968 houve a passeata dos Cem Mil e em dezembro ninguém saiu de casa quando foi editado o AI-5?” - Elio Gaspari, jornalista - Folha de S. Paulo, 10-9-2006.

IHU em revista

Eventos pg. 56

IHU Repórter pg. 71

Questões identitárias em ambientes virtuais: o caso do orkut

Encontros de ética

No próximo **Encontros de ética**, o orkut, site de relacionamentos, estará em debate. Doutora pela University of Leeds, Inglaterra, a professora das Ciências da Comunicação da Unisinos, Suely Fragoso, ministrará a palestra: *Questões identitárias em ambientes virtuais: o caso do orkut*.

Sobre o tema, Suely concedeu uma entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, confira abaixo. O encontro será dia 18 de setembro, às 17h30min, na sala 1G119.

A construção de si mesmo

Entrevista com Suely Fragoso

IHU On-Line - De onde vem o desejo de se encaixar em um grupo? Como funciona esta vontade do ser humano?

Suely Fragoso - Essa pergunta provavelmente seria mais bem respondida por alguém da área de psicologia do que por uma professora de comunicação. Tentando trazer a pergunta para um terreno onde eu me sinto minimamente segura, especificamente no caso do *orkut* o que eu vejo é que a adesão faz parte da construção da identidade de cada usuário. Por exemplo, se eu estou no *orkut*, sou uma pessoa atendida com as tecnologias (e aí ser um usuário antigo é mais legal do que ser um usuário recente), se o meu perfil tem muitos *links* para outros perfis, então sou

uma pessoa bem relacionada (embora não esteja claro como cada um entende o que quer dizer “amigo” no *orkut*) etc. As comunidades a que as pessoas se vinculam também dizem muito sobre quem elas são, desde aquelas que servem como indicadores de locais ou temas de trabalho, estudo e lazer (no meu perfil, por exemplo, *Unisinos, Cibercultura*), como as que indicam preferências (digamos, musicais ou de comida, por exemplo) e, sobretudo aquelas comunidades diretamente vocacionadas para rótulos identitários, do tipo *Eu adoro gatos* ou *Eu sou tímido*. Em resumo, a minha hipótese é que no *orkut* todas essas declarações de pertencimento, que são necessariamente ostensivas, são partes da construção de si mesmo. É

importante acrescentar que eu não vejo nada de condenável nisso, não vejo nenhuma superioridade nas formas mais recatadas, mais intimistas, de exercitar a identidade em comparação com essas construções públicas que encontramos no *orkut*, nos blogs e fotologs.

IHU On-Line - A senhora acha que há superexposição no *orkut*? Quais os principais riscos e as principais consequências desse fenômeno?

Suely Fragoso - A exposição de si se complica quando as pessoas não têm consciência de que, apesar de estarem em seus computadores, nas suas casas, muitas vezes nos seus quartos e com as portas fechadas, tudo o que colocam no *orkut* (na Internet em geral) se torna visível para um grande número de pessoas. Eu costumo brincar em sala de aula com o fato de que, quando a minha irmã entrou no *orkut*, ela me deixava recados super pessoais, às vezes, fazendo aquelas brincadeiras de família que não mudaram desde que nós éramos crianças, e eu corria para apagar antes que os meus alunos lessem, porque seria um horror ter que encarar meus apelidos de infância em plena sala de aula! O importante é que as pessoas percebam que o *orkut* funciona como, digamos, uma grande festa mágica, na qual tudo o que é dito ou feito poderá ser visto ou ouvido por qualquer um dos milhões de convidados – imediatamente ou mais tarde. A mesma coisa acontece com os blogs e fotologs: na hora em que eu estou escrevendo pode parecer que estou só desabafando como faria com papel e lápis, ou que só estou mostrando aquela foto para os amigos de infância, mas o fato é que estou colocando tudo aquilo num lugar de acesso público. Há alguns anos uma aeromoça (nos Estados Unidos) escreveu em seu blog alguns comentários negativos sobre a companhia para a qual trabalhava. Foi demitida, é claro – assim

como teria sido se tivesse ido falar mal do empregador num programa de rádio ou TV, ou se tivesse distribuído panfletos denegrindo a companhia no saguão do aeroporto ou no centro da cidade. O importante, em suma, é perceber que o *orkut*, os blogs, os fotologs e afins não são espaços privados, são verdadeiras praças públicas onde o tempo se congela para que todos possamos ver o que os outros fazem e fizeram. Qualquer exposição nesses ambientes é, então, superexposição (se é que eu entendi o teu uso desta expressão na formulação da pergunta)

IHU On-Line - Por que os brasileiros estão em número maior no *orkut*?

Suely Fragoso – Para esta pergunta há muitas respostas possíveis e nenhuma certeza. Uma resposta confortável seria que um dos amigos do homem *orkut* (o criador do site) é original de Porto Alegre – então algumas das primeiras conexões para fora dos Estados Unidos podem muito bem ter sido com brasileiros. Com o apoio da Teoria Matemática das Redes, seria relativamente fácil mostrar como a existência de um único usuário que tenha convidado muitos outros brasileiros pode ter criado um “ponto gravitacional”, puxando o *orkut* em direção ao Brasil. Esta é uma resposta fácil e provavelmente a esta altura impossível de ser demonstrada. Certamente é uma explicação razoável para o que aconteceu entre janeiro e maio de 2004, ou seja, entre a criação do *orkut* e o ponto em que o número de usuários brasileiros começou a superar o de outros países. Em meados de fevereiro de 2004, mais que 60% dos usuários do *orkut* eram estadunidenses. Em seguida, vinham os usuários do Reino Unido e Canadá, cada um com pouco mais de 3%. Na metade de abril de 2004, a parcela de usuários dos EUA estava reduzida a menos de 50% do total de usuários, enquanto os

membros do Japão e do Brasil estavam tecnicamente empatados em cerca de 7%. Em maio de 2004, já se notava um aumento significativo de usuários brasileiros, que chegavam a 15% do total (os estadunidenses eram 43%). No mês seguinte, próximo ao final de junho de 2004, a porcentagem de usuários brasileiros ultrapassou a de estadunidenses. A esta altura, já se havia estabelecido uma competição acirrada entre os usuários brasileiros e os estadunidenses, inclusive com movimentos ostensivos para trazer mais brasileiros para o *orkut* e com isso “tomar” o serviço. Anúncios em vários sites ofereciam convites para todos os que estivessem interessados, independente de serem ou não conhecidos de alguém que já fosse usuário. Quando o grande número de brasileiros no *orkut* e as desavenças com os usuários estadunidenses foram mencionadas pelas mídias tradicionais (jornais, revistas e programas de TV), a popularidade do serviço disparou de uma vez por todas.

Outras respostas

Eu gostaria de acrescentar que entre as muitas respostas a esta pergunta sobre o grande número de brasileiros no *orkut*, a mais comum e também a que menos me satisfaz atribui a “invasão brasileira” a um suposto espírito gregário superdesenvolvido entre os brasileiros. É aquela conversa do povo festivo, amigável, bem-humorado. Quando se observam as comunidades, os tópicos e mensagens criados por brasileiros na época da tomada do *orkut*, no entanto, o que se vê passa muito longe desse povo alegre e agradável. Os registros criados por brasileiros são testemunhos de xenofobia, racismo e agressividade gratuita e indiscriminada. Finalmente, é interessante lembrar que o *orkut* não foi o primeiro nem é o único serviço de rede social disponível na Internet e que outros

serviços similares foram “tomados” por usuários de outros países: o *LinkedIn*, por exemplo, cresceu mais e mais rapidamente na Islândia, Finlândia, Israel e Holanda, enquanto o *Friendster* foi inicialmente tomado por usuários das Filipinas.

IHU On-Line - As comunidades virtuais podem aproximar as pessoas?

Suely Frágoso - Comunidades virtuais podem ajudar a encontrar pessoas que não descobriríamos sem o auxílio das tecnologias. Podem ajudar a manter contato com pessoas distantes, criar e solidificar amizades. Podem também, é claro, fomentar a discórdia e agressividade (como aconteceu entre brasileiros e estadunidenses no *orkut*, por exemplo). Em todos esses sentidos, da cooperação ao conflito, as comunidades virtuais se oferecem como mais um espaço para o contato interpessoal, mais uma modalidade possível de interação entre as pessoas. O que vamos fazer com essa possibilidade adicional de interação, no entanto, não depende da ferramenta tecnológica, mas das pessoas que a utilizam: podemos utilizar as comunidades virtuais para organizar ações humanitárias como para preparar um ataque terrorista ou um assalto a mão armada.

IHU On-Line - Em que sentido os sites de relacionamento virtual podem ajudar a compreender a sociedade contemporânea?

Suely Frágoso - Os sites de relacionamento virtual fazem parte da sociedade contemporânea, então o que está registrado neles são marcas da própria sociedade contemporânea. O bacana é que neles as interações ficam permanentemente disponíveis. No *orkut*, por exemplo, em forma de texto – eu posso abrir uma comunidade antiga e ir voltando nos tópicos e mensagens e está tudo lá (ou quase tudo, parece que após

dois anos as mensagens são apagadas), à minha disposição, para ler uma, duas, mil vezes, para gravar, copiar, estudar, comparar. São registros que os próprios

usuários criaram, é como se as falas das pessoas estivessem congeladas no ar, esperando pelo pesquisador.

Prigogine e a seta do tempo

II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI

Prigogine e a seta do tempo. Esse é o título da conferência que o Prof. Dr. Ney Lemke, docente na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), profere nesta quarta-feira, 13-9-2006, das 17h30min às 19h no II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia. A atividade acontece na Sala 1G199 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Ilya Prigogine (1917-2003), cientista de origem russa, recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1977. A edição 62, de 2-6-2003 dedicou-lhe a editoria *Memória*. Na edição 64, de 16-6-2003, publicamos o artigo *A dimensão “narrativa” do universo*, de sua autoria.

Lemke é graduado, mestre e doutor em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua tese intitula-se *Simulação numérica de sistemas complexos*. Sua produção acadêmica inclui dezenas de artigos publicados em periódicos especializados, bem como capítulos de livros. Por e-mail, o físico aceitou dar a entrevista que segue, adiantando alguns aspectos que abordará. Segundo ele, a física precisa se reinventar, “seja desenvolvendo experimentos revolucionários que nos permitam colocar velhas questões em novos enquadramentos, seja propondo novas questões que possam ser atacadas”. Sobre o conceito de seta do tempo, Lemke explica que ele é “uma espécie de relógio universal”.

A Física deverá se reinventar

Entrevista com Ney Lemke

IHU On-Line - Qual é a atualidade das descobertas físicas de Prigogine?

Ney Lemke – As pesquisas de Prigogine⁵⁸ atacam questões relevantes, como a natureza do tempo, as implicações da Teoria do Caos para a termodinâmica ou ainda a interpretação da Mecânica Quântica. Todos esses temas estão bastante em voga em nossos dias.

IHU On-Line - O que é a seta do tempo?

Ney Lemke – A seta do tempo se refere ao princípio físico que seria responsável pela passagem do tempo. Uma espécie de relógio universal. Na teoria de Prigogine, esta quantidade é a entropia⁵⁹, que sempre aumenta no universo.

IHU On-Line - Quais são as aplicações atuais dos estudos de Prigogine sobre as estruturas dissipativas?

Ney Lemke – Entre os sistemas fora do equilíbrio mais estudados nos dias de hoje, podemos incluir o metabolismo de organismos vivos, reações químicas oscilatórias e as células de convecção (estas células surgem em regiões onde existe uma diferença de temperatura).

⁵⁸ **Ilya Prigogine** (1917-2003): cientista de origem russa, que recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1977. Na 62ª edição, de 2 de junho de 2003, *IHU On-Line* dedicou-lhe a editoria *Memória* e, dele, publicou o artigo *A dimensão "narrativa" do universo*, na 64ª edição, em 16 de junho de 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

⁵⁹ **Entropia**: conceito segundo o qual há uma tendência natural de a energia se dispersar e de a ordem evoluir invariavelmente para a desordem. Explica o desequilíbrio natural entre trabalho e calor. Foi sistematizado pelo físico austríaco Ludwig Edward Boltzmann (1844-1906). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como a concepção do tempo pode ser repensada de acordo com o conceito de bifurcação de Prigogine, sobretudo para a emergência do novo em termos sociais e científicos, tendo em consideração que esse conceito compreendia inclusive a História? Essa concepção não-determinista de Prigogine está relacionada com a Teoria dos Sistemas, de Bertalanffy⁶⁰?

Ney Lemke – Prigogine observou que mesmo sistemas macroscópicos exibem comportamento aleatório. Acredita-se que sistemas físicos mais complexos que os estudados por Prigogine, como organismos vivos, seres humanos ou mesmo sociedades poderiam ser compreendidos desta forma. Contudo, seria basicamente impossível aplicar as teorias de Prigogine para estes casos, portanto devemos ser cautelosos antes de estender estes resultados para as ciências humanas.

IHU On-Line - O legado de Prigogine é saudado como transdisciplinar entre ciência, filosofia e cultura. Qual é o elo entre essas áreas do conhecimento que podem ser feitas com base em suas idéias?

⁶⁰ **Ludwig von Bertalanffy** (1901-1972): autor do livro *General systems theory - Essays on its foundation and development*. New York. 1968. Tradução francesa: *Théorie générale des systèmes: physique, biologie, psychologie, sociologie, philosophie*. Paris. 1973. Publicou também *The Theory of open systems*, General System Yearbook. 1956. A primeira edição brasileira de *Teoria Geral dos Sistemas* foi publicada pela Editoras Vozes, de Petrópolis (RJ), em 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

Ney Lemke – Prigogine foi um cientista que conhecia profundamente filosofia, especialmente o trabalho de Bergson⁶¹. Os seus textos também foram lidos por muitos filósofos, o que não deixa de ser surpreendente dada a complexidade técnica de muitas de suas exposições. Ele foi um dos maiores responsáveis por introduzir no meio filosófico a discussão de alguns temas caros aos físicos da segunda metade do séc. XX, entre eles caos, fractais, base microscópica para entropia entre outros.

IHU On-Line - Na Carta para as futuras gerações, Prigogine manifestou-se otimista em relação ao futuro da humanidade e diz que a ciência une os povos. Partindo dessa perspectiva, como a física está auxiliando nosso planeta a tornar-se um lugar mais "habitável"?

Ney Lemke – A ciência pode colaborar de duas formas com esta questão. Em primeiro lugar, mostrando que a compreensão da natureza é um empreendimento supranacional, no qual diferentes culturas podem e devem colaborar. Outro aspecto é demonstrando o caráter excepcional de nosso planeta, e ainda nos lembrando dos limites que devemos nos impor para garantir às gerações futuras um ambiente natural adequado à vida. A física também pode colaborar de forma prática, fornecendo ferramentas, por exemplo, que nos permitam avaliar o efeito de gases na temperatura do Planeta, ou prevendo desastres naturais como terremotos e tsunamis.

IHU On-Line - O que o conceito de bifurcação pode ensinar às ciências

⁶¹ **Henri-Louis Bergson (1859-1941):** escritor e filósofo francês. Herdeiro de um pensamento romântico, propugna, sobretudo, a ação. (Nota da *IHU On-Line*)

humanas e exatas de nossa sociedade globalizada?

Ney Lemke – Pode ensinar que o comportamento de sistemas complexos pode ser imprevisível e que eventualmente mudanças qualitativas podem ocorrer de forma abrupta.

IHU On-Line - Prigogine afirmou que a ciência estava apenas em sua infância. Para o senhor, quais são os principais desafios da física para nosso século?

Ney Lemke – Eu acredito que o maior desafio da física será se reinventar, seja desenvolvendo experimentos revolucionários que nos permitam colocar velhas questões em novos enquadramentos, seja propondo novas questões que possam ser atacadas. A física vive alguns impasses, possui diversas teorias muito bem sucedidas em explicar fenômenos em áreas específicas, mas não possui uma teoria unificadora. Por sua vez, diversas ciências como a biologia estão se tornando mais quantitativas e demandam por métodos que nos permitam trabalhar com sistemas de complexidade sem precedentes. Mesmo a célula mais simples é muito mais difícil de ser descrita por modelos qualitativos do que qualquer outro sistema físico tratado até o momento. A confecção destes modelos implicará o surgimento de métodos que permitam a coleta automatizada de grandes massas de dados e de ferramentas que nos permitam extrair informação relevante deles.

Pelos caminhos do gauchismo

IHU idéias

Nesta quinta-feira, 14-9-2006, o tema do **IHU Idéias** é *Pelos caminhos do gauchismo*. A palestrante é a antropóloga Prof^ª. Dr^ª. Maria Eunice Maciel, docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O evento acontece das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU.

Maciel é cientista social pela UFRGS e especialista em História do Rio Grande do Sul pela mesma instituição. Kursou especialização em Antropologia Social na Université Paris V (René Descartes), França, e mestrado na mesma área na UFRGS. Seu doutorado, também em Antropologia Social, foi realizado na Université Paris V (René Descartes), França, com a tese *Le gaúcho brésilien – identité culturelle dans le Sud du Brésil*. Atualmente, coordena um projeto de pesquisa na UFRGS voltado para a cultura e alimentação. É co-autora do livro ***De escravo a liberto, um difícil caminho***. Porto Alegre: IEL, 1988 e organizou ***Antropologia e ética. O debate atual no Brasil***. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004. A antropóloga conduziu o **IHU Idéias** de 23-3-2006, intitulado *A cozinha e seus mitos*. Sobre o assunto, concedeu entrevista à edição 172 da ***IHU On-Line***, de 20-3-2006. Em 20-10-2005, apresentou o **IHU Idéias** intitulado *A cozinha temática: da tradicional à fusion*, assunto que inspirou uma entrevista concedida com exclusividade ao sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias Diárias*, nessa mesma data.

Clientelismo e Política no Brasil do século XIX, de Richard Graham

V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil – Estado e Sociedade

No próximo **V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade** vamos trabalhar com as interpretações de Richard Graham. Quem conduzirá o assunto é o professor da Unisinos, Flávio Heinz. O tema *Clientelismo e Política no Brasil do século XIX, de Richard Graham*, será debatido dia 12 de setembro no Auditório Central, às 19h45min.

O historiador Richard Graham trabalha no Departamento de História da Universidade do Texas. Suas idéias serão interpretadas pelo Coordenador Executivo do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, Flávio Madureira Heinz.

Do Big Bang à Inteligência

Quarta com Cultura Unisinos

No evento **Quarta com Cultura Unisinos** deste mês, 13 de setembro, o palestrante é o professor da Unisinos Luiz Augusto Leitão da Silva, professor na Unidade de Ciências Exatas da Universidade. O tema da palestra é *Do Big Bang à Inteligência*, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura do Shopping Bourbon Country, localizado na Av. Túlio Rose, 80, loja 302, em Porto Alegre. Luiz Augusto concedeu entrevista a **IHU On-Line** na edição 135 Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis, de 4.5.2005.

Milton Friedman – História monetária dos Estados Unidos

II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Originário de uma família muito pobre, cujos pais emigraram da Rússia, Milton Friedman nasceu no bairro do Brooklyn, em Nova York, a 31 de Julho de 1912. Depois de completar sua educação básica com menos de 16 anos de idade, mesmo tendo perdido o pai, conseguiu manter-se na universidade graças a uma pequena bolsa e grandes sacrifícios financeiros. O seu posicionamento claro e ortodoxo fez-lhe muitos adversários, no plano das idéias, e foi motivo de muitas controvérsias. Conduziu-o, no entanto, à liderança de uma doutrina de pensamento econômico. Por suas realizações nos campos da análise do consumo, da história monetária e da teoria e demonstração da complexidade da política de estabilização, ele ganhou o Prêmio Nobel de Economia de 1976. Suas idéias serão debatidas, no dia 13 de setembro, no *II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. O professor da Unisinos que ministrará o tema será Roberto Camps de Moraes, doutor em economia pela *Vanderbilt University* (Estados Unidos), em 1986. Confira, abaixo, a entrevista que o professor concedeu, por e-mail a *IHU On-Line*. O evento acontecerá às 19h30min na sala 1G119. A obra *História monetária dos Estados Unidos* escrita em conjunto com Anna J. Schwartz, será o centro da discussão.

O neoliberalismo de Friedman

Entrevista com Roberto Camps Moraes

IHU On-line - Quais são as principais idéias do pensamento de Milton Friedman? Quais seus principais estudos?

Roberto Camps Moraes - Milton Friedman foi certamente o economista americano que mais influenciou a opinião pública e a comunidade acadêmica e política no EUA, durante a segunda metade do século XX, no sentido de restaurar a legitimidade do capitalismo e das idéias econômicas liberais. Além de um grande ideólogo, Friedman também foi um pesquisador econômico reconhecido por inúmeros prêmios e distinções acadêmicas, dos quais o que mais se destaca, naturalmente, foi o Prêmio Nobel de Economia de 1976. Neste campo, a Academia Sueca, ao lhe conceder o Nobel, indicou que os méritos estavam ligados às "suas realizações nas áreas da análise do consumo, da teoria e da história monetária e pela sua demonstração da complexidade das políticas de estabilização". Na teoria do consumo, ele formulou a teoria da renda permanente, que, juntamente com a teoria do ciclo de vida da poupança de Franco Modigliani⁶² (Nobel de 1985), formam a base da macroeconomia contemporânea quanto à explicação do comportamento do consumo agregado.

⁶² **Franco Modigliani** (1918 - 2003): economista italiano naturalizado americano. Sua tese de doutorado formou, junto com o modelo ISLM de John R. Hicks, o núcleo da chamada Síntese Neoclássica do Keynesianismo, que dominou a macroeconomia no pós-guerra. Seu trabalho subsequente na hipótese do ciclo da vida e na teoria das finanças - notadamente, o teorema de "Modigliani-Miller" - foram fundamentais para estabelecer seu status intelectual. (Nota IHU On-Line)

Esta contribuição foi feita no livro *A Theory of the Consumption Function*, publicado em 1957. No que tange à história monetária, a sua obra conjunta com Anna Schwartz, *A Monetary History of the United States, 1867-1960*, publicada em 1963, foi certamente um dos marcos na literatura da história econômica no século XX. Além de apresentar uma nova série histórica para os agregados monetários dos EUA, resgatando e engatando os dados do século XIX aos do século XX, esta obra contém um estudo detalhado dos vários períodos monetários da história americana e de suas instituições, argumentando de forma persuasiva que choques monetários perfeitamente identificáveis precederam e causaram as flutuações pronunciadas na produção e no emprego.

História monetária

As regularidades empíricas de longo prazo encontradas na História Monetária foram posteriormente fundamentadas econometricamente em *Monetary trends in the United States and the United Kingdom: Their relation to income, prices, and interest rates, 1867-1975*, publicado pela University of Chicago Press em 1982. Esta última publicação também foi em parceria com Anna Schwartz, assim como também o artigo *Money and business cycles*, publicado na *Review of Economics and Statistics*, em fevereiro de 1963, em que as regularidades de curto prazo encontradas na História Monetária são resumidas e fundamentadas. No capítulo 7 da História Monetária (*The Great Contraction*), Friedman e Schwartz argumentam que a causa da Grande Depressão foi uma falha de política monetária devida ao Federal

Reserve, o banco central americano. Esta explicação colidiu com a tradicional interpretação keynesiana que atribuía a causa da Grande Depressão a uma falha de mercado. A maior parte dos economistas contemporâneos aceita hoje a explicação dada por Milton Friedman e Anna Schwartz.

Apesar da influência das obras acima referidas, provavelmente a maior contribuição reconhecida de Milton Friedman à macroeconomia moderna tenha sido o artigo *The Role of Monetary Policy*, publicado na *American Economic Review*, em março de 1968. Neste artigo, Friedman critica a concepção então dominante da Curva de Phillips (relação inversa entre o desemprego e a inflação), reformulando-a na forma da denominada Curva de Phillips expandida pelas expectativas – ou versão aceleracionista da Curva de Phillips – e introduz duas noções que se manteriam até hoje: (a) o conceito de taxa “natural” de desemprego – também conhecida por Nairu, ou “Non-accelerating of inflation rate of unemployment” - e (b) a verticalidade da Curva de Phillips no longo prazo, implicando que independentemente da política monetária, a economia converge no longo prazo para um equilíbrio real.

IHU On-line - O que é a "escola monetarista" de Friedman?

Roberto Camps Moraes - Milton Friedman, seguindo os seus mestres de Chicago, filiou-se teoricamente à chamada “teoria quantitativa da moeda”, uma corrente de teoria monetária que vem desde o século XVI e cuja principal proposição é a de que a quantidade de moeda na economia determina o nível geral dos preços, sendo as variações destes últimos equiporcionais às variações da moeda. Esta foi a teoria monetária dominante até a publicação da *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da*

Moeda de John Maynard Keynes ⁶³ em 1936. Friedman formulou uma versão moderna desta teoria no artigo *The Quantity Theory of Money - a Restatement*, publicado no livro *Studies in the Quantity Theory of Money*, editado pela University of Chicago Press, em 1956.

A versão friedmaniana do monetarismo moderno é simbolizada pela chamada “regra dos X %”, apresentada em 1969 no artigo *The Optimum Quantity of Money*, publicado no livro com o mesmo título e que é uma coletânea de importantes artigos da sua autoria. Entre as idéias que fundamentam a regra, encontram-se o conhecimento imperfeito que as autoridades monetárias têm sobre (1) os *leads e lags* dos efeitos dos instrumentos de política monetária sobre as variáveis econômicas e (2) a própria confiabilidade das estimativas dos parâmetros. Esta incerteza básica levou Friedman a argumentar que seria conveniente maximizar a previsibilidade da política monetária. Tal previsibilidade poderia ser atingida pela regra X %, sugerida por ele e que consistia na fixação de um percentual dado para a taxa de crescimento dos agregados monetários relevantes. Em suas pesquisas anteriores, estes agregados – que mantinham uma relação estável com a trajetória do produto - eram a base monetária (M₀) e os meios de pagamento (M₁). A adoção de uma regra simples como essa seria superior em desempenho às políticas

⁶³ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo no *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005. (*Nota da IHU On-Line*)

ativas de buscar a expansão da economia que originavam, segundo ele, mais inflação e mais variabilidade do produto e do emprego.

Metas monetárias

Vários bancos centrais passaram a adotar as "metas monetárias" - nome geral dado às regras de política monetária inspiradas em Friedman - ao longo da década de 1970. Em 1979, quando Paul Volcker assumiu a chefia do Federal Reserve e as taxas de inflação nos EUA estavam em dois dígitos, foi pela primeira vez adotada naquele país uma regra deste tipo. Este período (1979-1982) ficou conhecido como o "grande experimento monetarista". Apesar de ter reduzido a inflação drasticamente, a economia americana sofreu taxas de desemprego muito altas. Friedman criticou acerbamente a política de Volcker. A partir de 1983, quando estas regras foram abandonadas para nunca mais serem adotadas nos EUA, declarou-se a "morte do monetarismo". Ficou claro *a posteriori* para o próprio Friedman e demais pesquisadores que o comportamento do setor monetário e financeiro da economia americana passava nesta época por uma profunda alteração. As regularidades empíricas encontradas por Friedman para períodos anteriores haviam caducado completamente, devido, em parte, à introdução da tecnologia da informação no setor bancário e a desregulamentação do setor que foi derivada da mesma.

Apesar do consenso existente entre os estudiosos das questões monetárias sobre a "morte do monetarismo", a doutrina dominante da política monetária pós-Friedman incorporou vários aspectos que foram enfatizados pelo chamado monetarismo. Um deles é o reconhecimento de que a política monetária deve focar na estabilidade dos preços. Outro está em que são necessárias

regras claras para constranger a autoridade monetária, impedindo-a de devaneios discricionários.

IHU On-line - Afinal de contas, qual seria o papel do Estado para Friedman? Qual é o papel das instituições no processo de mudança e crescimento econômico?

Roberto Camps Moraes - Para Friedman, em geral, o papel do Estado seria aquele indicado pelos autores liberais clássicos: (1) prover a segurança dos cidadãos, mantendo a lei e a ordem, a defesa nacional, a justiça e o cumprimento das leis sob a égide da igualdade perante as mesmas; (2) definir os direitos de propriedade e as regras do jogo econômico; (3) implementar o cumprimento dos contratos voluntariamente pactuados, promovendo e preservando a competição nos mercados; (4) prover uma estrutura monetária estável; (5) intervir limitadamente, deixando espaço para a filantropia privada voluntária, no alívio da pobreza de qualquer origem; (6) garantir a liberdade e a regra da maioria (mercado e democracia).

A maior parte dos escritos ideológicos de Friedman é formada pelas críticas às intervenções do governo americano ao executar políticas públicas que geravam distorções ou impediam o funcionamento dos mecanismos de mercados. Ele criticou (1) os programas de preço mínimo para os produtos agrícolas; (2) o uso de tarifas e quotas de importação e exportação; (3) controles quantitativos de produção na agricultura e na mineração; (4) controle de aluguéis, preços e salários; (5) a legislação de salário mínimo; (6) regulação detalhada das indústrias; (7) censuras impostas à imprensa e o controle pelo estado do rádio e da televisão pela *Federal Communications Commission* (FCC); (8) o programa de previdência social público baseado na

transferência inter-geracional de renda (*Social Security*); (9) licenciamento para o exercício das profissões e regras estaduais e municipais que limitam a abertura de novas empresas; (10) serviço militar obrigatório; (11) monopólio estatal dos correios; (12) pedágios estatais; (13) interferência estatal na administração da educação e muitos outros.

Embora Friedman não fosse um "institucionalista", ele claramente reconhecia o papel das instituições como promotoras ou inibidoras do desenvolvimento. A sua postura, no entanto, era mais tecnocrática, no sentido de que ele conferia mais peso aos efeitos das regras de incentivo implícitas na legislação do que na persistência atávica e cultural das instituições.

***IHU On-line* - O senhor acredita que o Brasil tem um modelo de desenvolvimento econômico? Que modelo seria esse?**

Roberto Camps Moraes - A palavra "modelo" tem vários significados. No sentido de estratégia de desenvolvimento, o Brasil adotou, desde 1930, o que na literatura de desenvolvimento se conhece por industrialização baseada na "substituição de importações". Fizeram parte desta estratégia uma forte proteção à - e promoção da - produção industrial doméstica. Este processo esgotou nos anos 1980, sendo substituído por um longo período de inflação alta (1981-1994) quando o Estado - falido pelos exageros internos e constrangimentos externos - tentou manter o que havia criado anteriormente pelo financiamento inflacionário.

Com o fim da inflação, o Estado substituiu a inflação por impostos crescentes. A abertura da economia introduzida a partir de 1990, o fim da inflação e as privatizações promovidas na década de 1990, produziram alguns

resultados de aumento da eficiência econômica. No entanto, no panorama global atual, as instituições e a legislação brasileira - copiadas do estado mercantilista português e do estado fascista italiano - continuam impedindo uma adaptação maior da economia brasileira às realidades contemporâneas dos mercados. Além disso, o Brasil - que foi um grande atrator de capitais externos na época do seu "milagre econômico" (1968-1980) - perdeu esta posição para a China e a Índia. Do ponto de vista institucional e legal o Brasil pode ser caracterizado como um estado mercantilista.

***IHU On-line* - O neoliberalismo está combatendo a pobreza? O senhor poderia exemplificar em quais países isso é visível?**

Roberto Camps Moraes - Se entendermos por "neoliberalismo" uma receita de política econômica que inclui a abertura da economia, a desregulamentação dos mercados e a privatização de empresas estatais, o país sul-americano que realizou estas reformas da forma mais profunda é o Chile, que, coincidentemente, é o que teve o maior crescimento *per capita* no subcontinente nos últimos 20 anos. Apesar de ter ocorrido um processo de aumento da concentração da renda no Chile neste período, houve uma redução da proporção considerada pobre da população, além do fato de ter melhorado inequivocamente em termos absolutos as condições de vida dos mais pobres.

Se considerarmos que tanto a Índia como, em maior grau, a China, estão "em transição" para um "modelo" mais "neoliberal" na esfera econômica, estes dois países têm sido os principais responsáveis pela redução da pobreza no mundo nos últimos 20 anos. Mas creio que talvez o maior exemplo das virtudes da abertura da economia e da

desregulamentação dos mercados tenha sido dado pela própria economia americana, cujo crescimento prossegue quase que ininterrupto - duas recessões das mais rasas da história econômica americana, em 1991 e 2001 - desde 1982 a taxas superiores à grande parte das economias emergentes e das economias européias.

IHU On-line - Em dezembro de 96, no México, foi publicada a Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina, escrita em novembro de 1996, que trata do neoliberalismo na América Latina. Sua principal crítica ao capitalismo liberal, é quanto à acomodação, provocada pela queda de seu único opositor, o bloco socialista. Assim, segundo ele, o neoliberalismo deixou de ser questionado e tende a se tornar hegemonia. Quais são os efeitos desta hegemonia? Quais são os limites de um modelo neoliberal?

Roberto Camps Moraes - A meu ver é preciso distinguir entre o que se chama de "neoliberalismo" e a situação política internacional de países e potências. O fato de que o fim da guerra fria tenha resultado na sobrevivência de uma única potência político-militar - o país que liderou o bloco capitalista ocidental na resistência à expansão do comunismo no mundo e exerceu o papel internacional de polícia global e também de paradigma institucional desde o fim da 2ª guerra - não deve ser confundido com o "triunfo ideológico" do capitalismo sobre o comunismo e muito menos com as relações de forças entre assalariados e empresas capitalistas tanto no mundo como em cada país.

As forças que enfraqueceram intensamente os sindicatos industriais desde os anos 1970 do século XX tanto na América do Norte como na Europa Ocidental estão relacionadas à revolução tecnológica ocorrida desde os anos 1980

e que se seguiram aos choques do petróleo dos anos 1970. Foi esta nova onda de choques de inovação técnica - só possível no capitalismo - que redesenhou o "modo de produção" industrial nos países capitalistas avançados e tornou obviamente obsoletas as economias soviética, chinesa e as dos demais países que seguiam a cartilha do dirigismo estatista. O aumento da mobilidade internacional do capital juntamente com a nova velocidade da informação ampliaram as possibilidades de transferência internacional de tecnologia e emprego. Com isso, vários setores industriais inteiros foram transferidos para os países emergentes que adotaram políticas amigáveis à importação de capitais e tecnologia. Os mercados de trabalho foram intensamente afetados nos países mais adiantados. As regulamentações existentes ou foram modificadas ou, quando mantidas, trouxeram aumento de desemprego e exportação de capitais.

Por sua vez, a história mostra que, em cada período, a economia mundial exhibe um setor - ou região ou país - que é a mola propulsora dos avanços tecnológicos e econômicos. Assim como tivemos o comércio internacional do Mediterrâneo nos séculos XIV e XV, as navegações dos séculos XV, XVI e XVII, a revolução industrial dos séculos XVIII e XIX, a integração internacional do capitalismo do consumo em massa no século XX, tendo em cada época um *hegemon* ou vários - Itália, Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra, França, Alemanha e EUA - teremos futuramente outros. Talvez o século XXI seja o século da Ásia. Mas, em toda esta evolução existe uma constante : a crescente incorporação de fronteiras econômicas ao circuito do comércio internacional que transforma as sociedades tradicionais anteriormente isoladas e revoluciona dramaticamente as suas estruturas.

IHU On-line - O modelo proposto por Friedman foi implementado por organismos internacionais como o FMI. Ele foi implantado a ferro e fogo no Chile de Pinochet e em outros países latino-americanos. O que restou desse modelo? A desigualdade social crescente na América Latina não sinaliza para o esgotamento desse modelo?

Roberto Camps Moraes - Em primeiro lugar, Friedman foi sempre um crítico do FMI. Quando o sistema para o qual ele foi desenhado existia (1945-1971), ele era a favor da adoção do câmbio flutuante. A seguinte citação é tirada de seu livro de memórias (*Two Lucky People*, 1998, cap. 16, p. 220, a tradução é minha): "O FMI foi criado em Bretton Woods⁶⁴ para supervisionar um sistema de taxas de câmbio fixas; o Banco Mundial para prover fundos para a reconstrução e o desenvolvimento nos países afetados pela guerra e nos subdesenvolvidos. Quando o sistema de câmbio fixo entrou em colapso, o FMI perdeu a sua função. Ele

⁶⁴ **Conferência de Bretton Woods:** nome com que ficou conhecida a Conferência Monetária Internacional, realizada em Bretton Woods, no estado de New Hampshire, nos EUA, em julho de 1944. Representantes de 44 países participaram da conferência. Nela foi planejada a recuperação do comércio internacional depois da Segunda Guerra Mundial e a expansão do comércio através da concessão de empréstimos e utilização de fundos. Os representantes dos países participantes concordaram em simplificar a transferência de dinheiro entre as nações, de forma a reparar os prejuízos da guerra e prevenir as depressões e o desemprego. Concordaram também em estabilizar as moedas nacionais, de forma que um país sempre soubesse o preço dos bens importados. A Conferência de Bretton Woods traçou os planos de dois organismos das Nações Unidas - o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. O fundo ajuda a manter constantes as taxas de câmbio, além de socorrer países com crises nas suas reservas cambiais, como no caso do Brasil e da Rússia, em 1998. O banco realiza empréstimos internacionais a longo prazo e dá garantia aos empréstimos feitos através de outros bancos. (Nota da *IHU On-Line*).

deveria ter sido abolido. É claro que não o foi. Ao invés disto ele recriou-se a si mesmo como um banco mundial menor para conceder empréstimos e assessoria a países com problemas de balanço de pagamentos e de outra natureza. Na minha opinião, ele causou muitos danos ao adotar este papel, o que não o impediu de crescer em tamanho e prestígio."

Em segundo lugar, quanto ao Chile, eu já me referi. Os presidentes eleitos democraticamente após a saída de Pinochet, mantiveram as reformas liberalizantes e colheram os frutos do melhor desempenho econômico de um país na América do Sul nos últimos 20 anos. As idéias que inspiraram estas reformas são creditadas aos chamados "Chicago Boys" e não ao FMI.

Em terceiro lugar, atribuir a "desigualdade crescente na América Latina" ao "neoliberalismo" é como atribuir o crescimento econômico atual da China ao comunismo. Nenhuma das duas atribuições é verdadeira. O fato é que a China atrai os capitais externos que antes iam para a América Latina, tornando-a uma potência industrial que aumenta os preços das matérias-primas e alimentos com o seu crescimento, beneficiando os exportadores destes produtos, como o Brasil, o EUA e o resto do mundo. Diga-se de passagem que existe uma "desigualdade crescente" na China hoje. Será que os chineses estão ávidos para voltar àquela maravilhosa igualdade que existia no comunismo?

Stela Meneghel

Gaúcha e catarinense é assim que ela se considera. Formada em Medicina, Stela tem sua paixão no ensino. Saúde coletiva é o foco de seu trabalho. De uma grande família de italianos, valoriza muito seu passado em Passo Fundo e suas férias de infância em Urussanga. Na entrevista a seguir, Stela conta um pouco da sua trajetória de vida e o amor pela sua família.



Origens - Nasci em Passo Fundo, mas a minha família é de Santa Catarina. Os meus avós eram imigrantes italianos, vieram naquela leva de imigrantes que povoaram o sul do Brasil e se localizaram na região carbonífera de Santa Catarina. O meu pai era de Treze de Maio, e minha mãe, de Azambuja, que pertence ao município de Urussanga, de Santa Catarina. Fiquei em Passo Fundo até os 8 anos de

idade, quando mudamos para Porto Alegre.

Infância - Embora eu tenha nascido em Passo Fundo, passei todas as férias da infância e da adolescência em Urussanga. Brinco que tenho dupla cidadania: sou gaúcha e catarinense. Meus avós, os “nonos” como eu os chamava, moravam lá. Tinha muitos primos, primos de primos, uma grande família que me acolhia nas férias e onde eu reabastecia a alma.

Família - Minha mãe insistiu com o pai para que viéssemos para Porto Alegre. Tinha o sonho do acesso das filhas à faculdade, sonho dos imigrantes: terra e estudo para os filhos. Meu pai nunca foi à escola, e minha mãe cursou poucos anos. Quando chegamos a Porto Alegre, a mãe estava em fase terminal de câncer de mama e faleceu em seguida. Meu pai emprestou o dinheiro que economizara a um amigo, que não devolveu. Assim, tivemos grandes dificuldades econômicas aliadas à perda da mãe. Mas meu pai era um lutador, ficou órfão muito precocemente e fugiu de casa na adolescência. Correu mundo, aventureiro, andou inclusive em trechos da coluna Prestes⁶⁵. Homem sem preconceitos, fazia muitos amigos, pobres, negros, judeus, comunistas, livre-pensadores, que sempre tinham um prato de comida em nossa casa. Cuidou das filhas para que não tivéssemos uma madrasta, brincalhão e contador de histórias, muitos anos mais tarde encontrei uma

⁶⁵ **Coluna Miguel Costa-Prestes:** mais conhecida por Coluna Prestes, foi um movimento político-militar brasileiro existente entre 1925 e 1927 e ligado ao Tenentismo, corrente que possuía um programa bastante difuso, mas algumas linhas gerais podem ser delineadas: insatisfação com a República Velha, exigência do voto secreto, defesa do ensino público. O movimento deslocou-se pelo interior do país pregando reformas políticas e sociais e combatendo o governo do então presidente Arthur Bernardes. (Nota *IHU On-Line*)

de suas histórias – a do homem sem camisa - em uma coletânea de contos compilados por Ítalo Calvino⁶⁶, ou seja, só é feliz o homem que não possui nem uma camisa.

Estudos - Estudei em vários colégios. Em Passo Fundo, no Notre Dame, de onde guardo saudosas imagens. Em Porto Alegre, estudei em escolas públicas e fiz o curso normal no Instituto de Educação. Foi um curso que marcou muito, tanto que serei sempre professora. Era um curso de cunho humanístico, em que estudávamos filosofia, psicologia, ética, literatura. Fazíamos teatro na rua com a Olga Reverbel, que era uma inovadora. Fiz o magistério, acatando a indicação paterna: “professor sempre tem emprego e pode ser independente financeiramente”, dizia meu pai. Entrei no curso de Medicina da UFRGS aos 18 anos. Tinha uma idéia romântica da profissão, acredito que similar à maioria dos estudantes quando ingressam na faculdade. Pensava em ir para Amazônia e trabalhar em um leprosário, como no filme *Diários de Motocicleta*, de Walter Salles. O sonho era fazer medicina comunitária, ajudar os pobres, trabalhar preventivamente. Esse sonho durante o curso vai se perdendo, e as pessoas vão endurecendo. Eu comparava o curso de Medicina com a Escola Normal e achava que o magistério era mais humanista e que, na Faculdade de Medicina, o modelo era autoritário e tecnocrata, e o conhecimento transmitido de modo bancário. Cursei Medicina nos anos da ditadura, e um dos refúgios na época era a militância estudantil em que éramos bastante críticos, líamos os livros censurados e pensávamos em um outro modelo de medicina, de saúde e de país.

Irmã - Tenho só uma irmã, que também se chama Stela – ela Maris e eu Nazaré - estudou História e Artes Plásticas. Ela casou com um médico mato-grossense e há muitos anos mora em Campo Grande. Nós nos amamos muito, mas quis a vida que ela ficasse longe. Não temos muito contato, nos vemos apenas uma ou duas vezes por ano.

Trabalho - Trabalhei 25 anos na Secretaria da Saúde do Estado do Grande do Sul. Logo após a formatura, fiz o curso de especialização em saúde pública, que forma sanitaristas, um curso que mudou a minha vida. Eu tinha encontrado aquilo que eu queria fazer: os ideais do trabalho comunitário, a luta contra as desigualdades, as explicações sociais para as doenças. Na saúde pública, eu encontrei a minha turma. Trabalhava em dois locais, na Escola de Saúde Pública e na Vigilância Epidemiológica, onde vivi uma experiência muito rica porque o Rio Grande do Sul é referência latino-americana em vigilância epidemiológica. Foi uma época em que viajei muito pelo país em razão do trabalho. Eram assessorias a outros estados, investigações epidemiológicas de surtos, epidemias, doenças prioritárias e sob vigilância. Também trabalhávamos com vacinas, capacitações dos mais variados tipos e pesquisas aplicadas, atendendo necessidades dos serviços de saúde.

Livros - Na minha infância, tínhamos o hábito de ler em voz alta. Minha irmã lia enquanto a mãe costurava. Lembro que o *Os Miseráveis*⁶⁷ foi um dos primeiros livros lidos coletivamente em família, e chorávamos em simpatia a Jean Valjean. Gosto muito dos

⁶⁶ **Ítalo Calvino** (1939-1985): autor cubano, radicado na Itália é o autor de livros como *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 e *Se um Viajante numa Noite de Inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁷ **Les Misérables (Os miseráveis)**: uma das principais obras escritas pelo escritor francês Victor Hugo, publicada em 1862, e também autor de *Os trabalhadores do mar* e *O corcunda de Notre Dame*, entre outras obras. O romance narra a situação política e social francesa no período da Insurreição Democrática ou Revolução de 1830, em 5 de junho de 1832, no reinado de Luís Filipe I de França, através da história de Jean Valjean. (Nota da *IHU On-Line*)

latino-americanos, Jorge Luís Borges⁶⁸, Cortazar⁶⁹, Benedetti, Otávio Paz⁷⁰. Gosto dos russos, talvez o predileto seja Tolstoi: *Anna Karenin, Padre Sérgio*. Estou relendo, muito lentamente para não terminar, *José e seus Irmãos*, que conta a história bíblica de José de uma forma singular e atual e que Thomas Mann⁷¹ escreveu, baseado em um comentário de Goethe⁷² de que esta história poderia ser ampliada.

Casamento - Casei no sexto ano de faculdade, com um colega e, em seguida, tive a Lara, que hoje tem 29 anos e é arquiteta e a Maíra, que estudou Educação Física. Do segundo casamento, tenho dois filhos, o Ian de 19 anos, que estuda História e a Vatsi, nome indígena que significa estrela, que está no 3º ano do secundário e ainda está decidindo o futuro profissional.

Horas livres - O que mais gosto é de ler, não só livros técnicos, mas também literatura. Sou cinéfila também.

Música - Gosto de MPB: Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Caetano Veloso, todos eles.

Futuro - Eu digo para os meus alunos que, para fazer tudo que há para ser feito, teríamos que viver uns 300 anos. Espero continuar trabalhando como professora, que pra mim é uma benção, porque existe troca o tempo todo – de idéias, conhecimentos e afetos.

Unisinos - A Unisinos significou um desafio desde que entrei para compor o grupo que iria construir o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Neste grupo, somos apaixonados pela causa da saúde coletiva e defendemos a importância da política social de formar pessoas nesse campo do conhecimento. A Unisinos me capturou por muitas razões, pela proposta de educação humanista, pela missão de educação para toda a vida, de educação para reduzir as desigualdades, de educação para os homens e mulheres do nosso tempo.

Instituto Humanitas – Semanalmente, esperamos a revista, que é considerada a vitrine da Unisinos, na qual as reflexões de ponta são trazidas, problematizadas e debatidas. Além disso, não se pode deixar de mencionar os inúmeros eventos: seminários, conferências, exposições, ciclos de cinema - como, **Cinema e Saúde Coletiva**, com o qual, orgulhosamente, estamos contribuindo - que são disponibilizados ininterruptamente para a comunidade acadêmica e a população em geral.

⁶⁸ **Jorge Luis Borges** (1899 – 1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, foi tema da edição 193 da IHU On-Line, de 28 de agosto de 2006, disponível no sítio do IHU. (Nota *IHU On-Line*)

⁶⁹ **Julio Forencio Cortazar** (1914 – 1984): escritor argentino: Seu livro mais conhecido é o romance *O Jogo da Amarelinha* (1963). (Nota *IHU On-Line*)

⁷⁰ **Otávio Paz** (1914 – 1998): escritor e diplomata mexicano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1990. (Nota *IHU On-Line*)

⁷¹ **Thomas Mann** (1875 – 1955): romancista alemão, considerado por alguns como um dos maiores romancistas do século XX, tendo recebido o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich Mann e o pai de Klaus, Erika, Golo (aliás Angelus Gottfried Thomas), Monika, Elisabeth e Michael Mann. (Nota *IHU On-Line*)

⁷² **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da *IHU On-Line*)